

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA**

**A SÍNCLISE DOS SUBSTANTIVOS PESSOAIS ÁTONOS NO PORTUGUÊS
ORAL CULTO DE FORTALEZA: ASPECTOS SOCIOLINGÜÍSTICOS**

TATIANA MARIA SILVA COELHO

Orientador: Prof Dr Paulo Mosânio Teixeira Duarte

FORTALEZA-CE

2003

TATIANA MARIA SILVA COELHO

**A SÍNCLISE DOS SUBSTANTIVOS PESSOAIS ÁTONOS NO PORTUGUÊS ORAL
CULTO DE FORTALEZA: ASPECTOS SOCIOLINGÜÍSTICOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof Dr Paulo Mosânio Teixeira Duarte

FORTALEZA-CE

2003

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Linguística, outorgado pela Universidade Federal do Ceará, e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca de Humanidades da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho da dissertação é permitida, desde que seja feita de acordo com as normas científicas.

Tatiana Maria Silva Coelho

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Mosânio Teixeira Duarte- UFC
(Orientador)

Profa. Dra. Maria Auxiliadora Ferreira Lima- UFP
(1º examinador)

Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes- UECE
(2º. examinador)

Dissertação defendida e aprovada em 30/07/2003

AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar sempre me dando motivos para não deixar de ter sonhos e coragem, sabedoria e determinação para realizá-los.

À minha família, especialmente à minha adorada mãe, Conceição, ao meu amado marido, Frans, aos meus queridos irmãos, Tânia Mara e Tibério. Todos eles sempre procuram de seu jeito estar do meu lado, apoiando-me até mesmo na realização dos meus mais loucos projetos. E também ao meu saudoso pai, Raimundo, que, mesmo não estando mais entre nós, faz-se presente em todos os momentos de minha vida através de seus conhecimentos.

Ao meu orientador Paulo Mosânio, pelas contribuições a esse trabalho.

Aos meus amigos, por estarem sempre dispostos a compartilhar as minhas angústias e as minhas alegrias.

Aos professores do Programa, pela disponibilidade e pelas contribuições valiosas na minha formação profissional.

À CAPES, que me deu condições financeiras para levar a diante este meu sonho.

SUMÁRIO

RESUMO	IV
ABSTRACT	V
INTRODUÇÃO	01
PARTE I - ASPECTOS SEMÂNTICOS E FORMAIS	
1. Da noção de dêixis	
1.1 A diferença entre campo simbólico e campo mostrativo: a proposta de Camara Junior.....	04
1.2 Revisitando a noção de dêixis: a síntese de Lahud.....	09
1.2.1 Os gramáticos franceses do século XII.....	10
1.2.2 A distinção nome pronome/pronome: a posição de Frege.....	12
1.2.3 A proposta de Peirce: o pronome como signo complexo.....	15
1.2.4 O enfoque de Jespersen: a questão dos <i>shifters</i>	16
1.2.5 <i>Conclusão</i> sobre a dêixis.....	18
2. Da noção de pessoa	
2.1 A distinção entre os pronomes pessoais e os outros pronomes: o ponto de vista de Benveniste.....	19
2.1.2 <i>Eu/tu</i> formas vazias que apresentam um traço que as une a outras classes gramaticais.....	21
2.1.3 <i>Eu e tu</i> , indicadores de “pessoa”. <i>Ele</i> , uma “não-pessoa”.....	22
2.1.4 Da subjetividade na linguagem.....	24
2.2 O ponto de vista de Cervoni.....	25
2.2.1 O signo <i>ele</i>	27
2.2.2 <i>Ele</i> é um dêitico?.....	28
2.3.3 <i>Conclusão</i> sobre a 3ª pessoa.....	29
3. O enfoque sintático gerativista dos pronomes: a distinção entre categoria lexical e categoria sintagmática.....	
	30
4. A proposta de Llorach	
4.1 As unidades do discurso: seus fundamentos.....	32
4.2 Substantivos.....	33
4.2.1 A pessoa, o gênero e o número.....	35
PARTE II – QUESTÕES DE NATUREZA SOCIOLINGÜÍSTICA	
Considerações iniciais.....	39
1. A variação lingüística.....	
	41
2. Variação geográfica.....	
	42
3. Variação social ou diastrática.....	
	43
3.1 Classe social.....	43
3.2 Faixa etária.....	44
3.3 Sexo.....	44
3.4 Variação estilística ou de registro.....	47
PARTE III - ANÁLISE DO CORPUS	
1. A interferência da idade no uso dos substantivos clíticos.....	50
2. A interferência do sexo no uso dos substantivos clíticos.....	55
3. A interferência da variação de registro no uso dos pronomes oblíquos átonos.....	59
4. A título de conclusão: a superação das variáveis sociolingüísticas.....	63
CONCLUSÃO.....	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	70
ANEXOS	
ANEXO I.....	75
ANEXO II.....	80
ANEXO III.....	85

RESUMO

A presente dissertação investiga a relação entre fatores extralingüísticos (sexo, idade e registro) e a sínclise pronominal no **PORCUFORT**. A partir da análise desse *corpus* foi constatado que tais fatores em nada influenciam o comportamento dos substantivos clíticos. É também preocupação desse trabalho fazer uma revisão das diversas opiniões de importantes estudiosos sobre os traços que marcam um grupo específico de vocábulos denominado pelos gramáticos tradicionais e por vários lingüistas de *pronomie*. Procuramos analisar um bom número de opiniões para vermos em que medida se caracteriza a classe pronominal em especial a dos chamados pronomes pessoais. Ponto a objetar é a utilização da dêixis como marca pronominal, isto é, considerar que todos os vocábulos dessa classe se comportam como sinais, entidades discursivo-pragmáticas. Concluímos ser a dêixis insuficiente para englobar toda uma classe. Adotamos, assim, uma nova perspectiva com base em Lhorach que desfaz a idéia de existência de uma classe de pronomes autônoma, redistribuindo os vocábulos pertencentes tradicionalmente a esta em substantivo e adjetivo. Os pronomes pessoais seriam nesta abordagem, substantivos pessoais.

Palavras-Chave: sínclise, fatores extralingüísticos, substantivos pessoais.

ABSTRACT

This dissertation investigates the relation between extra linguistic factors (sex, age and register) and the intercalation of a pronoun in a word in **PORCUFORT**. From this analysis of this corpus was evident that such factors do not influence the personal substantives' behavior. This work is also about a review of many opinions from studies about features that mark a specific group of words named pronouns by traditional grammarians and many linguists. We tried to analyze a great number of opinions to make sure in which measurement the pronominal class is characterized, especially personal pronouns. A point to emphasize is the use of deixis as a pronominal mark, that is, we consider that all the words that belong to this class works as signals, of discursive and pragmatic entities. We adopted, then, a new perspective with base in Lhorach, who undoes the idea of the existence of an autonomous class of pronouns, redistributing the terms that belongs traditionally to this class into noun and adjective. The personal pronouns would be personal substantives in this approach.

Key words: the intercalation of a pronoun in a word, extra linguistic factors, personal substantives.

INTRODUÇÃO

A orientação dos gramáticos portugueses e brasileiros no estudo dos clíticos, com uma ou outra honrosa exceção como a de Said Ali (1966b), tem sido de cunho predominantemente prescritivo. Não houve por parte do ensino tradicional uma preocupação em entender a sínclise pronominal fora do âmbito literário, muito menos em articular a relação desse fenômeno lingüístico com possíveis determinações extralingüísticas.

No tocante a estas determinações Labov (1972) julga que não só os gramáticos como também os lingüistas deixaram para trás a importância do meio social na formação de um sistema lingüístico. Martinet (1973), por exemplo, foi um dos lingüistas que considerou o estudo das variações externas ao sistema algo pouco científico, pelo menos num primeiro momento de análise. Havia por parte desse cientista e de muitos outros o receio de tornar ainda mais problemático o estudo da língua, pois se buscava como objeto ideal de análise, um objeto uniforme e que apenas fora do contexto social é que se poderia chegar a esse objeto ideal. Uma vez analisado o objeto ideal, poderia se passar para uma segunda etapa que constaria do universo externo àquele objeto.

Buscando dar enfoque a uma possível relação entre o fenômeno da sínclise e os aspectos sociolingüísticos em nosso trabalho, procuramos traçar dentro de um *corpus*, no caso o PORCUFORT, os fatores externos ao sistema a partir da seqüência *idade, sexo e registro*. Nesse momento de nossa pesquisa tivemos como apoio o trabalho de Monteiro (1994) que traz uma descrição do comportamento dos clíticos dentro do *corpus* da NURC/Brasil, considerando não apenas os elementos extralingüísticos como também os intralingüísticos. Detemo-nos nos primeiros por questão de análise para, em outro momento, os articularmos com os de natureza “interna”.

O nosso *corpus* conta de um conjunto de 59 inquéritos, totalizando 49 horas de gravação, organizados em três tipos de registros: elocução formal (EF), diálogo entre informante e documentador (DID) e diálogo entre dois informantes (D2). Os informantes, totalizando 73, são, em sua maioria, fortalezenses ou cearenses que pouco ou nunca se afastaram do Estado. São de ambos

os sexos e de diferentes faixas etárias: uma primeira faixa etária de 22 a 25 anos, uma outra de 36 a 55 anos e uma última a partir de 56 anos.

A análise do *corpus* teve três fases. O primeiro momento se caracterizou pela transferência dos dados (inquéritos) que se encontravam na *internet* para o *Word*. A partir desta transferência, foi possível marcar com cores diferentes as ocorrências dos vários substantivos clíticos nos textos dos inquéritos. Feita a identificação dos incrementos verbais, começamos a segunda fase que se deu com o lançamento das ocorrências contextualizadas dentro do programa *Excel* para organizá-las em tabelas. Ao serem tabeladas as ocorrências, iniciamos a terceira fase que se caracterizou com a transferência das tabelas para o programa *SPSS7.5* onde ocorreu a análise estatística.

No plano teórico houve de nossa parte uma preocupação em entender o que caracteriza o pronome, pois o *status* lingüístico deste é muito diferente do que estabelecem. Ora afirmam que estes nada mais são que substitutos do nome (cf. Almeida, 1979, Cunha, 1983), ora que se reportam às pessoas do discurso (cf. Bechara, s/da, Bechara, 1999). Pontos de vista estes longe de dar sequer um vislumbre sobre o assunto como daremos a conhecer no próximo capítulo.

No que se refere à revisão bibliográfica, começaremos com Camara Jr. (1969) discutindo as noções de *campo simbólico* e *campo mostrativo* e o papel dos pronomes em sua proposta de classes de natureza morfossemântica. Citamos ainda Lahud (1979) que nos apresenta em tom crítico pontos de vista sobre os pronomes: como meros substitutos dos nomes, como símbolos/tipos e como *shifters*.

Faremos em seguida uma remissão à posição de Benveniste (1991) que trabalha com a idéia de que a noção de pessoa é própria apenas de *eu/tu*, pois se referem unicamente a uma realidade que é a do discurso e é dentro dessa realidade que essas pessoas se tornam plenas em sua significação por conta de que são consideradas signos vazios. A terceira pessoa, o *ele*, é considerada uma noção de pessoa porque não remete a uma pessoa a uma pessoa do discurso.

Em contrapartida, analisaremos também a posição de Cervoni (1989) que, além de considerar o *ele* como pessoa do discurso, afirma ser o *eu/tu* signos plenos ou ainda *símbolos-índices* uma vez que apresentam um sentido determinado e se encontram relacionados de forma existencial com o objeto que representam. Quanto ao signo *ele*, não haveria como dêitico, pois isto tornaria o campo da dêixis um campo ilimitado.

No mesmo capítulo trataremos de abordagens gerativistas complementares: a de Duarte (Mateus ET AL, 1983) e a de Raposo (1990) que diferenciam categorias lexicais maiores, aptas a projetar sintagmas (N, V, Adj, P e talvez Adv), das categorias lexicais menores como os pessoais e os determinantes. Finalizamos a revisão *bibliográfica* examinando a proposta de Llorach (1999) que não vê nos pronomes uma classe, mas uma subclasse que se acha dividida entre os substantivos e os adjetivos. Essa sua posição é baseada principalmente na função que as palavras exercem dentro de um determinado contexto. Os pronomes pessoais, desta forma, são considerados substantivos pessoais. Os elementos dessa subclasse têm em comum indicarem as pessoas do discurso e têm em comum com o restante da classe dos substantivos o fato de poderem assumir a função de sujeito e objeto direto em uma oração sem necessitar estar combinado com outro vocábulo.

2. ASPECTOS SEMÂNTICOS E FORMAIS

1. Da noção de dêixis

Procurando entender a relação entre a dêixis e a chamada classe de pronomes, fizemos um apanhado das posições de importantes autores a respeito do assunto. Inicialmente trabalhamos com Camara Jr (1969), depois nos detemos na síntese de Lahud (1979) a respeito do assunto. Este último autor faz um balanço da tradição clássica e passa em seguida a rever posições mais modernas, como a de Frege, Peirce e Jespersen. Estudamos estes autores em seção separada.

1.1 A diferença entre campo simbólico e campo mostrativo: a proposta de Camara Junior

Camara Jr (1969), no propósito de estabelecer o que chama *espécies de vocábulos*, propõe três classes: nome, pronome e verbo, de natureza paradigmática, baseadas num critério morfossemântico¹, embora às vezes com predominância de um critério, saliente-se².

Substantivo, adjetivo e advérbio, afirma Camara Jr. na linha de Jespersen (1933)³ que são funções, de natureza sintagmática pertinente.

Os vocábulos-morfema são caracterizados pelo autor como morfemas de relação, morfemas categóricos, estando entre aqueles as preposições e conjunções, e entre estes últimos, os de gênero e número.

¹ Monteiro interpretando Camara (1969) recomenda que não se deve misturar *classe* com *função*: as classes são estudadas pela morfologia, portanto dentro de uma relação paradigmática; já as funções são estudadas pela sintaxe, através da relação sintagmática: “Por esse prisma, entendemos que não se deve confundir classe com função. O nome, o pronome e o verbo são classes; o substantivo, o adjetivo e o advérbio são funções. As classes são estudadas dentro da morfologia, as funções pertencem ao domínio da sintaxe. Ou então, desfaçam-se as fronteiras para uma interpretação conjunta, que deve constituir a morfossintaxe. Isto é aceitável. O que não parece correto é invadir os limites estabelecidos, misturando conceitos e critérios heterogêneos” (1986: 204).

² Como é o caso do advérbio, que é incluído na classe do nome mais por um critério semântico, já que não apresenta nem gênero nem número. Mesmo o grau é de pequena extensão entre esses vocábulos: *pertinho, cedinho*.

³ O que não reflete exatamente o pensamento do lingüista dinamarquês, que parte mais especificamente de uma proposta hierárquica: assim, substantivo é primordialmente primário, mas não exclusivamente.

Começamos pelas classes axiais, nome e verbo, para em seguida nos atermos à classe pronominal.

Iremos nos deter primeiramente na diferenciação entre as duas primeiras classes. Segundo este lingüista, estas teriam como pontos de diferenciação a presença do aspecto *dinâmico*, no caso dos verbos, e a do aspecto *estático*, no caso dos nomes.

Daí a distinção fundamental entre frases nominais e frases verbais (...). As primeiras, que consistem na atribuição de um ser a outro, não há pròpriamente verbo, porque não há o sentimento da manifestação dinâmica de um processo. Se aparece uma forma verbal, é a título de ligação, ou CÓPULA, entre as duas coisas (cf. “Pedro é bom”, em confronto com – “Pedro anda”) (...) (Camara Jr.,1969: 151).

A distinção entre estático e dinâmico está ligada diretamente à questão da forma, como se apresentam as palavras dessas duas classes. Para caracterizar esse seu ponto de vista, o autor cita A. W de Grot.

Um signo lingüístico, e conseqüentemente também a palavra, é, em virtude de sua essência e definição, uma unidade de forma e sentido (ing. *meaning*). O sentido não é qualquer coisa de independente, ou, mais particularmente, não é apenas um conceito; conjuga-se a uma forma. O termo *sentido* só pode ser definido com o auxílio do conceito *forma* (Camara Jr.,1969: 151).

Ao explicar as diferenças entre as duas classes, nome e verbo, a partir do aspecto expresso por estas, tentou identificar a diferença semântica entre elas. Semanticamente o nome representa “coisas”, já o verbo “processos”. Dessa forma, temos de volta o velho conceito da gramática tradicional que caracteriza também os nomes como seres e os verbos como processos⁴. Tanto o lingüista como os gramáticos tradicionais não deixam claro o que seria esse *ser*, tornando tal caracterização falha, se trazida à luz da ciência.

⁴ Até mesmo numa gramática bem recente, a de Neves (1999:68) aceita a definição de substantivo como palavra que designam um ser. Consulte-se também Bechara (1999:112) que mantém a essência da proposta tradicional.

Camara Jr. tenta rebater as críticas feitas a essa sua definição, afirmando que os autores que rejeitam sua posição têm como base de sua argumentação a filosofia não a lingüística. Contudo, ao caracterizar o nome e o verbo como seres e processos, respectivamente, o autor faz um corte no mundo bio-social, lançando mão, assim, dos conceitos filosóficos, pois não há nenhuma possibilidade de lingüisticamente de definir o que é o *ser* e o que é o *processo*. Reproduzimos o argumento.

A definição tem sido rejeitada pelo argumento filosófico (não, um argumento lingüístico) de que não é possível separar os sêres e os processos. Alegou-se até que nomes, como em português, *viagem*, *juízo* ou *consolação*, são processos ou até, mais estritamente, atividades. A resposta é que êsses vocábulos são tratados na língua como nomes e associados a coisas. A interpretação filosófica profunda não vem ao caso. Trata-se, como se assimilou logo de início neste livro, daquela lógica, ou compreensão, intuitiva que permeia tôda a vivência humana e se reflete nas línguas (...) (Camara Jr., 1970: 68).

Na passagem acima, a exemplificação das palavras *viagem*, *juízo* ou *consolação* como nomes não verbos do ponto de vista semântico é inconsistente, uma vez que os referidos nomes são associados inequivocamente a processos e não a seres ou coisas, mesmo numa perspectiva de senso comum, não-fisiológico.

A terceira classe trabalhada pelo estudioso, a classe dos pronomes, é diferenciada da classe dos nomes pela circunstância de exprimir um “ser” (aspas do autor) dentro de uma determinada situação lingüística, não exprimindo o próprio ser.

Em outros termos, o seu significado é apenas a relação estabelecida com as duas pessoas do discurso, ditas PESSOAS GRAMATICAS: o falante e o *ouvinte* (Camara Jr., 1969: 154).

Adicionalmente os pronomes podem ter como função indicar o ser no espaço no espaço.

O pronome limita-se a mostrar o ser no espaço, visto êsse espaço em português em função do falante: *eu, mim, me* «o falante qualquer que êle seja», *êste, isto* «o que está perto do falante», e assim por diante. Também, mòrficamente, inconfundivelmente se distingue do nome, como apreciamos mais de perto no capítulo referente a êle (Camara Jr., 1970: 68).

Os dois tipos de pronomes trabalhados pelo teórico são os chamados pronomes pessoais, que, na forma reta, geralmente são usados numa frase isolada ou como sujeito de um verbo, por exemplo, *Pedro não virá, ele está doente*; e os chamados demonstrativos, responsáveis por estabelecerem uma relação espacial com as chamadas pessoas gramaticais, por exemplo, *estas pessoas parecem felizes*: “estas pessoas” não são quaisquer pessoas, apenas aquelas a que estou me referindo num determinado espaço.

Camara Jr. na busca de diferenciação entre nome e pronome apoiou-se na definição de Bühler (1934), que, através da significação lingüística do nome e do pronome, caracterizou o primeiro como relacionado ao campo simbólico, e o segundo como relacionado de um campo demonstrativo.

Os pronomes são assim, na sua forma lingüística elaborada e complexa, SINAI, como aquêles rudimentares que se deparam numa floresta ou numa estrada: indicam em vez de nomear. A eles adere, do ponto de vista semiológico, uma “indicação” em vez de uma “significação” (...). A sua definição foi feita claramente pelo indo-europeísta norte-americano L. Gray: “Semanticamente, os pronomes diferem dos nomes em serem essencialmente dêíticos. Não designam pessoas, coisas ou conceitos ou qualidades em geral (como fazem os nomes *man, stone, thought, goodness*); mas, sem limitação a uma dada categoria de idéias, denotam um indivíduo específicos de qualquer categoria...” (...) (Camara Jr., 1969: 155).

Devemos também atentar ao fato de que os pronomes pessoais e os demonstrativos além de terem uma correlação (este – eu/ esse – tu/ aquele – ele), em muitas línguas possivelmente apresentam uma relação quanto à origem:

Podemos rastreá-las, aliás, no nosso próprio português ao atentar para a história de *êle*, saído do demonstrativo latino *ille* para designar tôdas as coisas que se acham fora da esfera pessoal do falante e do ouvinte (Camara Jr., 1969: 155).

Embora os chamados pronomes indefinidos e interrogativos não sejam considerados vocábulos dêíticos, são enquadrados pelo teórico dentro do leque dos pronomes, com base no conceito de dêixis-zero. Tal conceito aparece apenas existir para incluir os indefinidos e os interrogativos como pronomes, pois o próprio estudioso, ao caracterizar os pronomes em seu dicionário, *Dicionário de lingüística e gramática* (1978), declara que é o aspecto dêítico que irá marcá-los:

(...) Podemos dizer que o SIGNO lingüístico apresenta-se em dois tipos – o SÍMBOLO, em que um conjunto sônico representa ou simboliza, e o SINAL, em que o conjunto sônico indica ou mostra (v. símbolo). O pronome (v.) é justamente o vocábulo que se refere aos seres por dêixis em vez de o fazer por simbolização como os nomes (v.) (Camara Jr., 1978: 90).

Um outro importante traço dos pronomes referido por Camara Jr. é a significação gramatical que estes vocábulos carregam, tornando a sua identificação como morfema ainda mais consistente⁵.

Assim, ao lado de um nome ou em substituição a *êle*, serve para enquadrá-lo numa das categorias por que se rege a formulação lingüística (o que é próprio dos morfemas de categorização) ou para concatená-lo com os demais elementos da frase à maneira de um morfema de relação (Câmara Jr., 1969: 156).

A classe dos pronomes mantém uma extensão variável de conceito em Camara Jr. Em *Estrutura da língua portuguesa* (1970), os pronomes se dividem em pessoais e demonstrativos, tendo estes últimos a função de substantivo, adjetivo e advérbio de lugar.

No *Dicionário de lingüística e gramática* (1978, s.v. *advérbio*), continua a aceitar como pronominais apenas os advérbios de lugar, enquanto que os nominais seriam os temporais e os

⁵ Vendryes (1972), por conta disso, colocou os pronomes dentro do grupo denominado instrumentos gramaticais, mas esta noção se aplica melhor aos relativos, que são classes mistas: pronomes e conectivos (cf. Macambira, 1987).

modais, além dos que são utilizados na determinação de um adjetivo, e também os que têm em sua formação a terminação *mente*:

Os advérbios de natureza nominal são de duas espécies: 1) palavras nominais específicas, sincronicamente inanalísáveis, - a) para indicar posição no tempo em relação ao momento em que se fala (*agora, hoje, ontem, amanhã*) ou a um momento em que focalizado (*cedo, tarde, antes, depois*, podendo ser os dois últimos indicadores de posição no espaço), b) para indicar modalidades que acompanham o processo verbal ou a qualificação adjetiva (*apenas*); 2) adjetivos - (..) b) constituídos por justaposição do termo *mente* «maneiras», ficando o adjetivo, se o do tema *-o*, na forma feminina, em concordância com *mente* (exs.: *belamente, somente, cortesmente*) (Câmara Jr., 1978: 42-43).

Contudo, em *História e estrutura da língua portuguesa* (1976), tanto os advérbios de tempo quanto os de lugar são considerados pelo autor pronominais.

Há, em princípios, três tipos básicos de advérbios. Dois são de natureza pronominal por sua função na comunicação lingüística. Destinam-se a situar o evento comunicado no espaço ou no tempo em relação à posição espacial ou temporal do falante; podemos chamá-los, respectivamente, os advérbios locativos e os advérbios temporais (Camara Jr., 1976: 155).

O problema de tanta oscilação no estudo dos pronomes está na inconsistência da noção de dêixis, à qual reservamos espaço, para melhor definição, a fim de verificarmos em que medida convém ao que se chama pronome.

1.2 Revisitando a noção de dêixis: a síntese de Lahud

Lahud (1979), ao iniciar o seu estudo sobre as teorias clássicas dos pronomes, esclarece-nos que sua proposta visa a simplesmente procurar certos pontos de referências conceituais para a organização e a análise dos dados que dispõe sobre a dêixis. No intuito de garantir esse seu objetivo, o autor escolheu os pontos de vista a respeito do assunto dos nomes mais importantes do grupo francês dos “gramáticos gerais”.

No primeiro momento, são examinadas algumas definições clássicas do pronome em geral, tendo como enfoque as diferentes caracterizações dos pessoais e dos demonstrativos. Num segundo momento, são trabalhadas as teorias contemporâneas de Frege (1971), Peirce (1931) e Jespersen (1964).

1.2.1 Os gramáticos franceses do século XII

Na gramática francesa de 1660, os pronomes são vistos como meros substitutos dos nomes e esta substituição dos nomes se deve unicamente a uma questão estilística, a não-repetição dos nomes.

Como os homens eram obrigados a falar sobre as mesmas coisas num mesmo discurso, e era importuno repetir sempre as mesmas palavras, foram inventadas certas palavras para ficar no lugar destes nomes, e que por esta razão foram chamadas pronomes (Arnauld e Lancelot, 1969: 42-43)⁶.

Já no livro *La logique ou l'art de penser* (1970), Arnauld acrescentou um novo capítulo, introduzindo na gramática francesa a teoria que considera os pronomes do ponto de vista de sua *significação*. Provavelmente, essa consideração, por parte do gramático, está ligada à relação que este autor tinha com os filósofos escolásticos.

Este novo ponto de vista acredita ser os nomes providos de um conteúdo conceitual próprio, capacitando-o a descrever um objeto. Os pronomes designam de forma “confusa” o objeto, isto é, apenas remetem às “substâncias”.

Na edição da *Logique* de Port-Royal (Livro I, cap.15) num capítulo sobre os demonstrativos cujo título é “Das idéias que o Espírito Acrescenta Àquelas que são Precisamente Significadas pelas Palavras”, as idéias trabalhadas sobre esse tipo de pronome estabelecem uma

⁶ Comme lês hommes ont été obliges de parler souvent des mêmes choses dans un même discours, et qu'il aît été importun de répeter toujours lês même mots, ils ont invente certains mots pour tenir la place de ces nomes, et que pour cette raison ils ont appelés pronoms (Arnauld et Lancelot, 1969: 42-43).

ruptura, pois vão de encontro às propostas anteriores de que os pronomes são apenas substitutos do nome, desprovidos de qualquer conteúdo conceitual.

Port-Royal, ao caracterizar o pronome demonstrativo, assevera que este traz uma idéia geral de coisa presente, apresentando, assim, uma *significação extensa*, não podendo mais ser visto como mero substituto de um nome. No caso do pronome neutro, a questão da significação descaracteriza-o ainda mais como elemento substituto de um nome, sem conteúdo próprio, pois o pronome neutro possui o seu próprio conteúdo semântico, uma vez que expressa uma qualidade que não pode ser significada por um substantivo.

Vê-se quão longe estamos aqui da definição da *Grammaire*, que fazia do demonstrativo um mero substituto do nome (marcando como se fosse com o dedo as pessoas ou coisa das quais falamos), quanto da idéia avançada na *Logique*, segundo a qual os pronomes só designam, sem descrever, as mesmas idéias que os nomes descobrem ao espírito. De fato, aqui é afirmado do demonstrativo que ele exprime *diretamente* a idéia geral de coisa presente: o que vale dizer que nesse caso ele *não ocupa o lugar de um nome*; e também que não se reduz a uma simples representação “confusa” de idéias claramente “descritas” pelos nomes. O demonstrativo neutro possui um conteúdo conceitual que lhe é próprio; ele é o signo de uma “qualidade” que não é significada pelos nomes das “substâncias” às quais ele se aplica. Por certo, sua significação própria, “a idéia de atributo de coisa presente”, é lata demais “para que o espírito nela se detenha”, e outras idéias virão se juntar a ela a título de complemento (Lahud, 1979: 55).

Para Lahud, essa *significação extensa* encontrada nos demonstrativos em geral também pode ser encontrada nos pessoais. As “pessoas” ou *signos pessoais* não são tidos como substitutos de nomes, pois apresentam as *marcas diretas* do que denominamos *certas relações discursivas*.

Inclinamo-nos, conseqüentemente, a supor que na realidade os pessoais poderiam ter ali figurado, ao mesmo título que os demonstrativos, principalmente se pensarmos na análise das pessoas contida, não no capítulo da *Grammaire* consagrada aos pronomes, mas naquele do verbo. Com efeito, assinalamos que aquela análise também não poderia ser sido feita se as “pessoas” estivessem sendo consideradas a partir de uma concepção substitutiva dos pronomes: pois os signos pessoais não são ali apresentados antes como marcas *diretas* do que denominamos certas “relações discursivas”. Ora, aquilo a que remetem diretamente esses signos não seria também “geral demais para que o espírito nele se detenha”? E eles não permitiriam,

igualmente, que essa generalidade fosse suprimida mediante sua remissão “secundária” às circunstâncias situacionais de sua enunciação? Trata-se pelo menos de uma hipótese, a nosso ver muito plausível, sugerida pela confrontação do texto de Arnauld e Lancelot sobre a “pessoa verbal” com aquele da *Logique* sobre as “idéias que o espírito acrescenta àqueles que são precisamente significadas pelas palavras” (Lahud, 1979: 55-56).

Devido ao seu conteúdo demasiadamente geral, Du Marsais (*apud* Lahud, 1979) propõe que os demonstrativos sejam denominados *termos metafísicos* ao invés de pronomes⁷. Este estudioso segue a mesma linha de pensamento da *Logique* de Port-Royal. Contudo, fornece informações explícitas quanto aos pontos em comum entre os demonstrativos e os pessoais. Em relação à teoria dos pronomes propriamente ditos pessoais, podemos afirmar que o gramático se destacou por ter introduzido a idéia de “pessoa gramatical” na gramática francesa.

Um outro nome importante que se posiciona a respeito do assunto é o autor da *Grammaire française sur un plan nouveau*, Buffier (*apud* Lahud). Este teórico apresenta uma concepção de pronome bastante diferente das já apresentadas até o momento. Para ele, os pronomes devem vir dentro das classes dos nomes, pois aqueles também são nomes.

Para Buffier chegar à conclusão de que nomes e pronomes pertencem à mesma classe, é necessário que ele não se interesse pela função substitutiva dos pronomes e nem pela sua função propriamente semântica. Desta forma sedimenta sua teoria a partir da função dos pronomes dentro da proposição.

Levando-se em conta a função sintática, realmente os pronomes pessoais podem ser considerados *verdadeiros nomes*, havendo, assim, uma separação definitiva entre os pronomes pessoais e os demonstrativos. Porém, de acordo com a caracterização semântica, que é predominante nos autores acima citados, ocorre uma forte tendência a separar os nomes dos pronomes.

1.2.2 A distinção nome pronome/pronome: a posição de Frege

⁷ O pensamento de Du Marsais sobre pronomes como nomes gerais parece ter sido adotada por Said Ali (1966a).

Ao abordar a relação *significado-referente*, Lahud (1979) cita dois teóricos que tiveram uma influência permanente na história da filosofia analítica e da lingüística contemporânea: Frege (1971) e Saussure (1972). Este último, quando trabalhou com o signo lingüístico, preocupou-se unicamente com a relação *significado-significante*, deixando, para trás, o referente. Dessa forma, o chamado conceito ou conteúdo de seu signo não se define por si só, pelo contrário, o significado de um signo tem o seu “valor” baseado nas relações com outros signos do sistema. Portanto, o significado de um termo, para Saussure, está definido de acordo com os pontos negativos do significado dos outros termos do sistema, havendo, assim, uma noção estritamente *opositiva, relativa e negativa*.

Já o signo, para Frege, é definido conforme a relação entre a *proposição* e a sua *veracidade*, que é captada através da utilização do **nome próprio**, pois, de acordo com ele, o **nome próprio** é todo *objeto* que apresenta uma realidade singular no mundo extralingüístico.

Observamos ainda que o signo definido por este autor apresenta uma configuração ternária, onde o referente é o **nome próprio** que indica o *objeto* (significante) através da *descrição* que faz deste (sentido), sendo que o referente apenas poderá ser identificado de acordo com a descrição do objeto. O estudioso apresenta, assim, uma noção positiva em oposição ao significado **negativo e relativo** de Saussure:

O sentido saussuriano é o produto de uma combinatória puramente semiótica e a problemática do signo – realidade de natureza dupla -, em Saussure, totalmente alheia à da referência. O lógico, ao contrário, visa a linguagem enquanto instrumento de “afirmação”; e é num só movimento que Frege distingue significação e referência depende da significação; mas esta, por sua vez, é definida, digamos, em função do referente (Lahud, 1979: 66).

Quanto aos dêiticos, esses são considerados por Frege uma classe particular de **nomes próprios** no sentido deste autor. A presença de um dêitico numa proposição causa a “*defasagem* entre o pensamento lógico e a expressão do pensamento”. Essa defasagem é consequência das

proposições com dêiticos não apresentarem um sentido completo, necessitando de uma “representação” de um “portador”.

Lahud não concorda com essa argumentação, pois, de acordo com ele, os dêiticos não necessitam de “portador”, uma vez que apresentam um sentido lingüístico completo. Se um falante precisa entender o enunciado *eu quebrei o meu braço*, é necessário apenas que tenha competência lingüística. Nomes como *Pedro, Marisa* etc., só terão seu sentido compreendido, se houver um acordo anterior, enquanto com os dêiticos, o sentido, no caso coletivo, é fornecido na língua e pela língua.

Mesmo considerando que as proposições com dêiticos não necessitam de “representações”, no sentido de Frege, vale ressaltar que a defasagem entre o sentido e o pensamento lógico ainda existe nessas proposições, e este fenômeno se deve ao caráter coletivo do sentido dos dêiticos. Não é possível determinar um objeto singular, ou melhor, um sujeito psicológico sem ter que recorrer às circunstâncias do discurso.

Ora, como salientamos, *o sentido determinado* dessas expressões referenciais que são os dêiticos é tal que seu *referente* permanece de certa forma *indeterminado*. Mais precisamente: *indicando uma relação bem determinada entre um “objeto” e as circunstâncias discursivas* (indicação constitutiva do sentido constante e preciso dos dêiticos), *eles indicam esse próprio “objeto” de maneira indeterminada* – no mesmo sentido em que um signo de variável figurando numa fórmula algébrica ou ideográfica é dito por Frege “indicar de maneira indeterminada” (*unbestimmt andeuten*). O referente de um dêitico é um lugar vazio que pode ser ocupado por todos os “particulares” capazes de estabelecer com o ato de fala a relação significada pelo dêitico em questão. *E é nessa dependência em que se encontra a determinação exata do “objeto” singular denotado pelos dêiticos face às circunstâncias discursivas* (Lahud, 1979: 73).

A expressão referencial ou identificadora dos dêiticos pode trazer algum tipo de ambigüidade. O enunciado de uma expressão referencial apenas cumprirá *completamente* sua função

de identificação, isto é, não apresentando o menor risco de ser interpretado de forma diferente⁸, se o ouvinte estiver em condições de identificar o objeto a partir desse mesmo enunciado.

1.2.3 A proposta de Peirce: o pronome como signo complexo

Lahud, ao trabalhar a caracterização dos dêiticos com base na classificação dos signos, leva em conta as idéias de Peirce (1931), que acredita haver um componente psicológico para apoiar tal caracterização. Segundo este autor, todo signo lingüístico é símbolo, ou seja, está sempre relacionado a um objeto de forma arbitrária.

Entre a palavra e a coisa, existe necessariamente um “conceito”, uma “idéia” ou “fundamento de representação”, como diz Peirce, e a designação lingüística passa obrigatoriamente por esses traços gerais associados a cada *representamen*. Vê-se que o que está sendo assim afirmado do símbolo corresponde exatamente ao princípio de Frege segundo o qual a significação é “anterior” à referência e que esta só possível em virtude da significação (Lahud, 1979: 77).

O índice é caracterizado por Peirce (1931) como realizador de uma pura designação. Entre o índice e a “coisa” não há uma idéia ou expressão do pensamento. A referência, nesse caso, ocorre através de uma “conexão dinâmica” ou “relação existencial” entre o signo, o objeto e o próprio sujeito semiótico.

Os dêiticos são símbolos-índices: como índices são termos referenciais, individualizando o objeto denotado, mas não através da própria relação de contigüidade em que se encontram com a “coisa”. Como símbolo, apresentam uma significação arbitrária, porém esta necessita da situação para singularizar o objeto. Há, então, uma grande relação entre o símbolo-índice de Peirce, com o

⁸ Searle (1969) não acreditava poderem todas as expressões identificadoras cumprir de forma satisfatória essa condição de identificação; aqueles que satisfaziam todos os requisitos eram, então, denominados de *descrições identificadoras*. São consideradas descrições identificadoras expressões do tipo: uma descrição definida, contendo um predicado verdadeiro para um objeto único; um puro dêitico ou uma combinatória de termos dêiticos e de termos descritivos. Este teórico explica que as expressões com dêiticos ou as puramente dêiticas podem ser caracterizadas como “descrições identificadoras” pelo fato de, ao usarem elementos da circunstância do discurso no auxílio da identificação, eliminarem qualquer tipo de ambigüidade.

conceito de dêixis trabalhado anteriormente neste texto (os sentidos dos dêiticos são fornecidos na língua pela própria língua).

Ao contrário de outros escritos, Peirce não utiliza a terminologia *type-token* (*type*= signo-tipo, *token*= signo-ocorrência), ao trabalhar com diferentes categorias. Porém, com relação à distinção entre símbolo/índice, o estudioso parece ter sido apoiado na diferenciação de *type* e *token*, pois é possível constatar em sua teoria as noções de símbolo-ocorrência e do símbolo-tipo. Mas não podemos fazer essa distinção com o índice. Assim, Lahud propõe a criação do símbolo-indicador-tipo, cujas ocorrências trazem a significação própria desse símbolo com uma indicação espaço-temporal. Todavia, essa significação própria será atualizada de acordo com o objeto que ela indica.

Essa proposta vai de encontro com a proposta de se ter dêiticos como “palavras com significação constante e referencial variável”, que foi apresentada por todos os autores que vinculam a noção de dêixis à problemática lógico-filosófica da relação de linguagem com o mundo das coisas. A mudança ou atualização constante da significação de um dêitico devido aos acréscimos que este angaria de acordo com o enunciado ou situação é uma falha da teoria símbolo-índice, pois leva a pensar que Peirce, não está trabalhando apenas com o conceito de dêixis, mas também com o conceito de *shifters*.

1.2.4 O enfoque de Jespersen: a questão dos shifters

Para se entender a questão da dêixis e a da ostensão, é necessário fazer um paralelo entre a definição de dêixis e de ostensão. Etimologicamente, a dêixis é definida como *termo usado para designar a definição de um objeto ou de um signo, reduzindo-se ao ato de mostrar esse objeto a que se aplique*, “isto” é um lápis, “lápis” é isto. Enquanto a ostensão é uma *simples designação de significação à qual não corresponde nenhuma significação ligada às propriedades do objeto*. Devido à grande similaridade entre essas duas concepções, muitos teóricos acabam por achar que a *dêixis*, o termo, é simplesmente sinônimo de ostensão ou definição ostensiva.

Na realidade, devemos entender a ostensão não como algo que particulariza as propriedades, indicando se um elemento é dêitico ou não, pois esta é antes de tudo um processo que dá condição a um locutor de assimilar ou de definir os sentidos. Peirce em sua tese faz uma grande confusão entre esses dois conceitos, caracterizando como dêiticos termos desprovidos dessa qualidade.

Haveria, assim, duas concepções distintas de *dêixis*, uma relacionada com as características particulares de um grupo, sendo esta concepção a enfocada por Lahud durante todo o seu trabalho, e a relacionada com o processo de apreensão e definição dos sentidos pelo locutor. Devido à existência dessas duas concepções, devemos tomar cuidado com as afirmações de algo é dêitico ou se assemelha aos dêiticos. Fazemos este alerta, pois logo trabalharemos com uma nova classe de signos, considerada equivalente aos dêiticos, na concepção de ostensão, os *shifters*, trazida à tona por Jespersen (1964).

Lahud, no primeiro momento em que se deparou com tal proposta, supôs que Jespersen, para chegar à formulação dessa classe, deve ter partido de uma análise tortuosa do que sejam dêiticos, pois não estavam claros os critérios utilizados por ele, pois “O que surpreende, logo de saída, na definição dos *shifters* de Jespersen, é o emprego da palavra “significação” ali onde deveríamos, à primeira vista, encontrar “referência” (1979: 87).”

Uma vez que se passe a considerar a existência dos chamados *shifters*, devemos salientar que estes são baseados não apenas em critérios lingüísticos, mas, principalmente, por critérios psicológicos.

Dizer que no capítulo onde são definidos os *shifters* trata-se de uma semântica psicológica não é simplesmente supor que observações de ordem psicológica são enunciadas a propósito de signos já caracterizados “semanticamente” e a partir de um outro ponto de vista; mas é antes constatar que os signos ali se encontram caracterizados *a partir de critérios psicológicos*: pois somente assim se justificam o recorte lingüístico e o esboço de classificação operados por Jespersen (Lahud, 1979: 90).

É sugerido então a idéia da *etiquetagem de objetos*, ou seja, os *shifters* são *etiquetas*, podendo associá-los a diferentes “coisas”. Por um referencial apresentar significados bastantes variáveis, as *etiquetas*, os *shifters* demoram a ser apreendidos pelas crianças. Concluimos que, ao contrário do que acontece com os signos que apresentam características particulares de uma classe de dêiticos, os *shifters* não mudam de referencial, e sim um referencial, “coisa” ou objeto, podem ter várias significações, *etiquetas*.

Os *shifters* não são, no entanto, uma classe cujos limites são facilmente demarcados, ou mesmo, não há limites para tal grupo como mostra esta passagem.

E qualquer tentativa de fornecer exata precisão à extensão dessa classe é votada ao fracasso, posto que tal tentativa pressupõe a possibilidade de se separar aquilo que, na base da caracterização dos *shifters* se encontra entrelaçado e se interdetermina: a saber, as propriedades “semânticas” dos signos e a maneira como eles se apresentam no processo de aquisição para o sujeito psicológico (Lahud, 1979: 92).

O que há de comum entre os *shifters* e os dêiticos é a relação que estes têm com uma “coisa” real, denominando-a, sem, entretanto, particularizar nenhuma propriedade desta “coisa” ou objeto, ressaltamos, mais uma vez, que a concepção de *dêixis* que se faz comparar com a dos *shifters* é a de ostensão.

1.2.5 Conclusão sobre a dêixis

Do exposto, podemos concluir que a noção de dêixis leva a profundas reformulações na concepção de Camara Jr., que, como vimos, não se mantém unívoca nem precisa. Os portadores de dêixis, que são alguns pronomes, e não todos os consagrados pela tradição, têm um significado fixo e constante, definido na língua e pela língua e nisto diferem dos assim chamados nomes próprios, que se submetem plenamente a um acordo prévio entre os falantes no que tange a sua aplicação referencial. *Eu* quer dizer “pessoa que fala” *tu* “pessoa que ouve”. O significado de língua os prepara para as ilimitadas aplicações discursivas, para o rol ilimitado dos referentes, que são

variáveis. Já nomes como *Pedro* e *Maria* não têm significado de língua, pelo menos preciso: sabemos só que são aplicáveis a pessoas, as quais são plenamente difundidas na denotação.

Os pronomes dêiticos são signos complexos, símbolo/índices e não se resolvem na simples inclusão do campo mostrativo, como que Câmara Jr. (1969). Nem são desprovidos de significado, como querem alguns estudiosos, que os reduzem à condição de morfema. Em suma: a distribuição entre campo simbólico e campo mostrativo simplifica demais as questões dos dêiticos e por isto não será adotada aqui. Eles possuem significado lexical definido no acervo da língua, desde que não se confunda tal significado com a noção de referência.

Uma vez esclarecida a noção de dêixis, passamos à categoria de pessoa, baseadas em Benveniste (1991) e Cervoni (1989).

2. Da noção de pessoa

2.1 A distinção entre os pronomes pessoais e os outros pronomes: o ponto de vista de Benveniste

Benveniste, ao iniciar a sua discussão sobre a “natureza dos pronomes”, trata dos pronomes como fato de linguagem, pois é através da linguagem que irá ficar claro que estes não constituem uma classe unitária, mas espécies diferentes segundo o modo de linguagem do qual são signos.

Uns pertencem à sintaxe da língua, outros são característicos daquilo a que chamaremos as “instâncias do discurso”, isto é, os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavra por locutor (Benveniste, 1991: 277).

Segundo o autor, não é suficiente distinguir os pronomes pessoais dos outros pronomes por uma denominação que os separe, pois a definição comum dos pronomes pessoais como contendo os três termos *eu*, *tu*, *ele*, acaba por extinguir a noção de “pessoa”. Afirmo ainda o linguísta que essa

noção de “pessoa” é própria somente de *eu/tu*, faltando em *ele*. Essa sua afirmação tem como base na análise de *eu*.

De acordo com essa análise, não há somente as diferenças formais entre *eu* e um nome referente a uma noção lexical. Há outras que se prendem ao que se chama de *processus* da enunciação lingüística e que são de natureza mais geral e profunda.

O enunciado que contém *eu* pertence a esse tipo ou nível de linguagem a que Charles Morris chama pragmática, e que inclui, com os signos, aqueles que empregam (a pessoa torna-se parte do enunciado juntamente com os outros signos). Pode imaginar-se um texto lingüístico de grande extensão – um tratado científico, por exemplo – em que *eu* e *tu* não aparecem nem uma única vez; inversamente seria difícil conceber um curto texto falado em que não fossem empregados. Entretanto, os outros signos da língua se distribuiriam indiferentemente entre esses dois gêneros de textos (Benveniste, 1991: 278).

Além dessa condição de emprego, argumenta o estudioso, há uma propriedade fundamental, que, quando manifesta, torna essa diferenciação mais acentuada, de *eu* e *tu* na organização referencial dos signos lingüísticos. De acordo com ele, cada instância de emprego de um nome se refere a uma noção constante e “objetiva”, que pode permanecer virtual ou se atualizar num objeto singular, e que sempre será idêntica na representação que desperta. Contudo, com as instâncias de emprego de *eu* não acontece o mesmo fenômeno, uma vez que estas não constituem uma classe de referência. Isto se deve ao fato de que não há “objeto” definível como *eu* ao qual se possam remeter identicamente essas instâncias “Cada *eu* tem a sua referência própria e corresponde cada vez a um ser único, proposto como tal” (1991: 278).

A partir desse pressuposto, Benveniste conclui que a “realidade” (aspas do tradutor) à qual se refere *eu* ou *tu* é unicamente uma “realidade de discurso” (aspas do tradutor), definindo, assim, *eu* em termos de “locução” (aspas do tradutor), não sendo considerado um signo nominal, significando “a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém *eu*” (aspas do tradutor). Essa instância é considerada, por ele, como única por definição, e válida somente na sua unicidade:

(...) *eu* só pode ser definido pela instância de discurso que o contém e somente por aí. Não tem valor a não ser na instância qual é produzido. A forma *eu* só tem existência lingüística no ato da palavra que a profere (Benveniste, 1991: 278).

Chega, assim, a seguinte definição: *eu* é o “indivíduo que enuncia a presente instância de discurso que contém a instância lingüística *eu*” (aspas do tradutor). Por introduzir a situação de “alocução” (aspas do tradutor), conseqüentemente, obteve uma definição simétrica para *tu*, “o indivíduo alocutado na presente instância de discurso contendo a instância lingüística *tu*” (aspas do tradutor). Ao formular essas definições, Benveniste teve em mente torna *eu* e *tu* uma categoria da linguagem que se relacionam com a sua posição na linguagem.

2.1.2 *Eu/tu* formas vazias que apresentam um traço que as une a outras classes gramaticais

Benveniste considera *eu* e *tu* um conjunto de signos “vazios”⁹ (aspas do tradutor), pois são não-referenciais com relação à “realidade” (aspas do tradutor), e estão sempre disponíveis, tornando-se “plenas” (aspas do tradutor) assim que um locutor as assume em cada instância do seu discurso, tendo como papel “fornecer o instrumento de uma conversação, a que se pode chamar a conversação da linguagem em discurso” (1991: 280). Ao se identificar como pessoa única pronunciando *eu*, cada locutor se propõe alternadamente como “sujeito” (aspas do tradutor). Assim, o emprego dos pronomes tem como condição a situação de discurso e nenhuma outra:

(...) os indicadores existem a não ser na medida que são atualizados na instância de discurso, em que marcam para cada uma das suas próprias instâncias o processo de apropriação pelo locutor (Benveniste, 1991: 281).

Embora formas vazias, é possível, através da referência à instância de discurso, constituir o traço que une a *eu/tu* a uma série de “indicadores”, que pertencem, pela sua forma e pelas aptidões combinatórias, a classes diferentes: pronomes, advérbios e locuções adverbiais.

⁹ (c.f Cervoni,1989)

São em primeiro lugar, os demonstrativos: *este*, etc., os advérbios *aqui* e *agora*. Poremos em evidência a sua relação com eu definindo-os: *aqui* e *agora* delimitam a instância espacial e temporal coextensiva e contemporânea da presente instância do discurso que contém *eu*. Essa série não se limita a *aqui* e *agora* é acrescida de termos simples ou complexos que procedem da mesma relação: *hoje*, *ontem*, *em três dias*, etc. (Benveniste 1991: 279).

De nada adianta definir esses termos e os demonstrativos em geral apenas através *dêixis*, como se costumava fazer. Devemos acrescentar que a *dêixis* é contemporânea da instância de discurso, que contém o indicativo de pessoa. A partir dessa referência, segundo o teórico, “o demonstrativo tira o seu caráter cada vez único e particular, que é a unidade da instância de discurso à qual se refere” (1991: 280).

É também através do caráter sistemático da linguagem, a apropriação assinalada por esses indicadores se propaga na instância de discurso a todos os elementos susceptíveis de aí “concordar” (aspas do tradutor) formalmente:

(...) a “forma verbal” é solidária da instância individual de discurso quanto ao fato de que é sempre e necessariamente atualizada pelo ato de discurso e em dependência desse ato. Não pode comportar nenhuma forma virtual e “objetiva”. Todas as variações do paradigma verbal, aspecto, tempo, gênero, pessoa, etc. resultam dessa atualização e dessa dependência em face da instância de discurso, principalmente o “tempo” do verbo, que é sempre relativo à instância na qual figura a forma verbal. (Benveniste, 1991: 281).

2.1.3 *Eu e tu*, indicadores de “pessoa”. *Ele*, uma “não-pessoa”

Eu e tu não são figuras, mas formas lingüísticas que indicam a “pessoa” (aspas do tradutor).

É notável o fato – mas, familiar como é, quem pensa em notá-lo? – de que entre os signos de uma língua, de qualquer tipo, época ou região que ele seja, não faltam jamais os “pronomes pessoais”. Uma linguagem sem expressão da pessoa é inconcebível. Pode acontecer somente que, em certas línguas, em certas circunstâncias, esses “pronomes” sejam deliberadamente omitidos (Benveniste, 1991: 287).

Benveniste ainda vai mais longe ao considerar que *eu e tu não remetem nem a um conceito nem a um indivíduo*, mas sim à realidade do discurso (itálico do tradutor).

Todavia, nem sempre são necessárias instâncias discretas para que a linguagem em exercício se produza, pois há enunciados de discurso, que, a despeito da sua natureza individual, escapam à condição de pessoa, isto é, remetem não a eles mesmos, mas a uma situação “objetiva” (aspas do tradutor). É o domínio, caracterizado por Benveniste e outros lingüistas, de “terceira pessoa” (aspas do tradutor).

A “terceira pessoa” representa de fato o membro não marcado da correlação de pessoa. É por isso que não há truísmo em afirmar que a não-pessoa é o único modo de enunciação possível para as instâncias de discurso que não devem remeter a elas mesmas, mas que predicam o processo de *não importa quem* ou *não importa o que*, exceto a própria instância, podendo sempre esse *não importa quem ou não importa o que* ser munido de uma referência objetiva (Benveniste, 1991: 282).

Assim, os pronomes chamados de “terceira pessoa” (aspas do tradutor) são inteiramente diferentes de *eu e tu*, tanto pela sua função como pela sua natureza.

Na tentativa de comprovar literalmente a tese de que a 3ª pessoa é uma “não- pessoa” (aspas do tradutor), Benveniste cita a língua yuma (Califórnia).

Para tomar apenas um exemplo entre muitos, eis como se apresentam os prefixos pronominais possessivos nas duas séries do yuma (Califórnia): primeira pessoa ?-, segunda *m-, many-*; terceira zero, *ny-*. A referência de pessoa é uma referência zero fora da relação *eultu* (Benveniste, 1991: 283).

Em vários idiomas, principalmente nos indo-europeus, o fato de haver uma regularidade da estrutura formal e uma simetria de origem secundária leva a pensar que existe uma terceira pessoa e esta estaria coordenada com as outras duas, *eu/tu*. É, então, importante considerar as quatro propriedades responsáveis pela distinção entre a 3ª pessoa e as outras duas pessoas, *eu/tu*.

É principalmente o caso das línguas modernas de pronome obrigatório nas quais *ele* parece, continuando *eu* e *tu*, membro de um paradigma de três termos; ou da flexão indo-européia de presente, com *-mi*, *-si*, *-ti*. Na verdade a simetria é somente formal. O que é preciso considerar como distintiva da “terceira pessoa” é a propriedade 1º de ser combinar com qualquer referência de objeto; 2º de não ser jamais reflexiva da instância de discurso; 3ª de comportar um número às vezes bastante grande de variantes pronominais ou demonstrativas; 4º de não ser compatível com o paradigma dos termos referenciais como *aqui*, *agora*, etc. (Benveniste, 1991: 283).

2.1.4 Da subjetividade na linguagem

A “subjetividade” (aspas do tradutor) é a capacidade do locutor para se propor como “sujeito” (aspas do tradutor).

Define-se como a unidade psíquica que transcende a totalidade das experiências vividas que reúne, e que assegura a permanência da consciência. Ora, essa “subjetividade”, quer a apresentemos em fenomenologia ou em psicologia, como quisermos, não é mais que a emergência no ser de uma propriedade fundamental da linguagem. É “*ego*” que diz ego. Encontramos aí o fundamento da “subjetividade” que se determina pelo *status* lingüístico da “pessoa” (Benveniste, 1991: 286).

A consciência de si mesmo apenas é possível se experimentada por contraste. Emprega-se *eu* a não ser dirigindo-se a alguém, que seria na elocução um *tu*. A linguagem depende da existência de um locutor que se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele como *eu* no seu discurso. Devido a isso, Benveniste propõe outra pessoa, que, sendo embora exterior a “mim” (aspas do tradutor), torna-se o meu eco – “ao qual digo *tu* e que me diz *tu*”, sendo, portanto, a polaridade das pessoas na linguagem uma condição fundamental e o processo de comunicação apenas uma consequência totalmente pragmática.

Os pronomes pessoais são, assim, o primeiro ponto de apoio para a revelação da subjetividade na linguagem e é a partir deles que outras classes de pronomes se basearão, uma vez que apresentam o mesmo *status*.

São os indicadores da *dêixis*, demonstrativos, advérbios, adjetivos, que organizam as relações espaciais e temporais em torno do “sujeito” tomado como um ponto de referência: “isto, aqui, agora” e as suas numerosas correlações “isso, ontem, no ano passado, amanhã”, etc. Têm em comum o traço de se definirem somente com relação à instância de discurso na qual são produzidos, isto é, sob a dependência do *eu* que aí se enuncia (Benveniste, 1991: 288).

O domínio da subjetividade ainda se amplia mais em virtude da chamada expressão da temporalidade, que de uma ou de outra maneira, está presente em todas as línguas. O autor nos alerta que o presente é o tempo que marca o discurso, ou seja, “o tempo em que se fala” (aspas do tradutor).

A instalação da “subjetividade” (aspas do tradutor), além de criar a categoria da pessoa, dentro e fora da linguagem, tem efeitos muito variados sobre as próprias estruturas das línguas, quer seja na organização das formas ou nas relações da significação. O autor, ao explicar essa sua afirmação, argumenta que muitos verbos, ao mudarem de pessoa, mudam também de significação.

Consideremos agora os seguintes enunciados: *vous êtes*, “*je suppose*”, *Monsieur X...* – “*je présume*” que Jean a reçu ma lettre – *il a quitté l’hôpital, d’* ou “*je conclus*” *qu’il est guéri* [= “O senhor é, suponho, o senhor X... – presumo que Jean recebeu a minha carta – ele deixou o hospital, donde concluo que está curado”]. Essas frases contêm verbos que são verbos de operações, *supposer, présumer, conclure* postos na primeira pessoa não se comportam como, por exemplo, *raisonner, réfléchir* [= “raciocinar, refletir”], que no entanto parecem muito vizinhos. As formas *je réfléchis* me descrevem raciocinando, refletindo. Totalmente diferentes são *je supposr, je présume, je conclus*. Ao dizer *je conclus* (que...), não me descrevo ocupado em concluir; qual poderia ser a atividade de “conclure”? Não me represento supondo, presumindo quando digo *je supposr, je presume*. O que *je conclus* indica é que, da situação apresentada, tiro uma relação de conclusão que toca um fato dado. É essa relação lógica que está instaurada num verbo pessoal (Benveniste, 1991: 291).

2.2 O ponto de vista de Cervoni

Para Cervoni (1989), os dêiticos são tipos de signos que “refletem” (aspas do tradutor) a sua enunciação.

Os dêiticos, cuja série mais representativa é *eu, tu, aqui, agora*, são palavras que designam, dentro do enunciado, os elementos constitutivos de toda enunciação, que são o locutor, o alocutário, o lugar e o tempo da enunciação. Mas eles os designam a sua maneira “refletindo sua ocorrência” (Cervoni, 1989: 23).

Isto implica que a ocorrência de qualquer dêitico da série *eu, tu, aqui, agora*, está ligada apenas a designação de um único indivíduo:

(...) em cada ocorrência de *eu*, esta palavra só pode designar o indivíduo que de *eu* para falar de si mesmo; *tu* só pode designar o indivíduo a quem o locutor se dirige para falar dele, alocutário; *aqui* e *agora* só podem designar o lugar e o tempo da ocorrência do enunciado de quem fazem parte (Cervoni, 1989: 23).

Resulta disso a impossibilidade de atribuir um referente preciso a essas palavras, se não é conhecido os actantes e o âmbito espaço-temporal da enunciação.

Cervoni, baseando-se na proposta de R. Jakobson (1963), que apela para terminologia de Peirce na tentativa de melhor caracterizar a especificidade dos dêiticos, considera os dêiticos elementos que têm uma significação convencional, assim como os outros signos da língua. Desta forma podem ser caracterizados como símbolos (do autor) não como formas vazias, como afirma Benveniste¹⁰.

Além de símbolos, os dêiticos podem ser considerados índices.

Mas os dêiticos possuem conjuntamente um outro aspecto: só podem receber um sentido determinado se estão numa relação existencial como o objeto que representam. Segundo Peirce, eles participariam da natureza de índices. O índice por excelência é o gesto através do qual designam um objeto. O gesto só se torna signo se está numa relação de fato como um objeto (Cervoni, 1989: 24).

Portanto, os dêiticos são “estruturas duplas” (aspas do tradutor), *símbolos-índices*.

¹⁰ (c.f Benveniste, 1991: 289)

2.2.1 O signo *ele*

Cervoni faz questão de insistir que se constitui uma descrição incompleta dizer que *eu* designa o locutor, *tu* o alocutário.

O que convém sublinhar é que *eu* (ou uma outra forma de primeira pessoa) é o nome que o locutor se dá quando toma a si mesmo como objeto de discurso, quando é de si que fala; que *tu* (ou uma outra forma de segunda pessoa) surge quando o locutor fala dela própria à pessoa a quem se dirige (Cervoni, 1989: 25).

As duas primeiras pessoas da interlocução se opõem, numa certa medida, à terceira pessoa, a do deslocutado, que seria apenas a pessoa da qual se falou; que teria, portanto, um papel unicamente passivo no ato de linguagem. Mas as três pessoas teriam um ponto comum, serviriam para apresentar um objeto de fala.

Assim o *eu* é ao mesmo tempo a pessoa que fala (que tem um papel ativo) e a pessoa de quem se falou (que tem, portanto, um papel passivo); o *tu* é a pessoa que ouve e pode, por sua vez, tomar da palavra (papel ativo) e a pessoa de quem se falou (papel passivo) (Cervoni, 1989: 25).

Dessa forma, Cervoni se posiciona totalmente contra a idéia de Benveniste que diz ser a terceira pessoa uma “não-pessoa”:

(...) dizer que a terceira pessoa é uma “não-pessoa”, pretextando que em tal ou tal língua ela não tem marca específica, é desconhecer um fator essencial: ao menos nas línguas que, do ponto de vista tipológico, pertencem ao mesmo grupo que o português, a pessoa é o suporte necessário de qualquer predicação, seja essa pessoa explícita, marcada – é o caso, quando ela se manifesta sob a forma de um pronome pessoal -, ou implícita, como no caso do nome (Cervoni, 1989: 25).

O estudioso parte do princípio de que na língua todos os nomes são providos de pessoa. A pessoa dos nomes não difere basicamente da que se atribui aos participantes no ato de fala, apenas

como algo de que se fala. O signo que manifesta a pessoa do substantivo, quando este se deixa substituir por um pronome, é o mesmo que designa o ser de que se fala.

A pessoa dos nomes não é fundamentalmente diferente da que é atribuída aos seres engajados no ato de linguagem apenas a título de delocutado. Assim, tanto diremos *Ele é amarelo*, para designar o papel no seguinte contexto: *De que cor é o papel?* - *Ele é amarelo*, quando *Ele não veio*, falando de Pedro que esperamos em vão, ou quanto *Ele esnoba*, para designar um indivíduo presente, mas silencioso, quando ocorre a enunciação, eventualmente te acompanha de um gesto para mostrar de quem se fala (Cervoni, 1989: 26).

Com relação ao pronome *il*, do sistema de pronominal francês, este é considerado pelo lingüista um signo de captação da pessoa fora de toda particularização, de toda associação com qualquer matéria.

Seu papel é, portanto, o de fornecer, para os verbos que não admitem ligação com as pessoas que o *eu*, o *tu*, o *ele* do delocutado designam, o suporte de que eles precisam, assim como para a terceira pessoa compreendida nos nomes (Cervoni, 1989: 26).

Todos os acontecimentos do universo são simbolizados por este *ele*, segundo o autor, que cita G. Moignet, criador da denominação “pessoa de universo”.

2.2.2 *Ele* é um dêitico?

Quanto ao caráter dêitico dessa pessoa, Cervoni tem o seguinte argumento favorável:

(...) se *ele* for um dêitico, então é preciso que possua a propriedade pela qual essa categoria se definisse: uma reflexividade que consiste em remeter a um dos elementos do quadro enunciativo (Cervoni, 1989: 29).

O pronome *ele*, entretanto, não se refere a nenhuma pessoa do quadro enunciativo, assim, a única saída para considerá-lo um dêitico seria a ampliação deste quadro, esta ampliação está ligada à perspectiva adotada por A. Berrendonner, “fantasma da verdade”:

(...) além do locutor, do alocutário, do tempo e do lugar da enunciação, este deve compreender como elemento necessário o objeto de fala, seja ele qual for, que, em última análise, é, em sua forma mais abstrata, “o argumento” dos lingüistas lógicos como vimos (Cervoni, 1989: 29).

Cervoni, porém, não concorda com essa saída e contra argumenta afirmando que uma vez adotada essa possibilidade seria necessário explicitar suas conseqüências e uma delas seria a transformação do campo da dêixis num campo ilimitado:

(...) a mais geral seria que o campo da *dêixis* se tornaria ilimitado. Ele incluiria principalmente todos os substantivos da língua, pois podemos pronominalizá-los todos por *ele(s)* ou *ela(s)* ou precedê-los de *o*, *a*, *os*, *as*, o que seria apenas uma maneira de exteriorizar a pessoa interna sobre a qual seriam construídos (Cervoni, 1989: 30).

Um outro problema apontado pelo autor é a utilização do contexto como terceiro actante, não sendo, este, mais considerado apenas uma circunstância inerte, no entanto, jamais se tornaria um locutor:

(...) esse terceiro actante da enunciação que seria o “o contexto” não teria a palavra como os outros dois: se, num certo sentido, ele é um participante, de modo algum poderia tornar-se um locutor (Cervoni, 1989: 30).

2.2.3 Conclusão sobre a 3ª pessoa

Para nossa análise e por questão de coerência com a postura que vamos adotar, ficamos com Cervoni no que diz respeito à 3ª pessoa: para nós é uma pessoa de caráter não-dêitica, pois isto

implicaria destruir a própria noção de dêixis, uma vez que traz para o discurso coisas que são estranhas a ele.

Como já foi explicitado, não acolhemos para a definição de pronome a noção de dêixis. Maiores argumentos iremos trazer quando do estudo da proposta de Llorach (1999).

3. O enfoque sintático gerativista dos pronomes: a distinção entre categoria lexical e categoria sintagmática

Com base nos trabalhos de Mateus et al. (1989) e Raposo (1990), buscamos, nessa seção, apresentar um novo enfoque sobre o estudo dos pronomes.

De acordo, primeiramente com Mateus et al., a visão tradicional considera como determinante todo e qualquer elemento que antecede um nome, determinando-o no ponto de vista semântico. Portanto, artigos e “adjetivos determinantes” (demonstrativos e indefinidos) são, para os tradicionalistas, igualmente determinantes. A generalização, entretanto, não é possível, uma vez que as propriedades semânticas e principalmente as gramaticais diferem entre si, podendo apenas os artigos e os dêíticos (demonstrativos e possessivos) ser caracterizados como determinantes.

Contudo, as propriedades semânticas de grande número desses diferem entre si, o mesmo sucedendo, como veremos, no que respeita às propriedades sintáticas. A consideração de todas estas propriedades permite proceder a uma reestruturação interna dessa classe tradicional, mantendo a denominação de determinantes apenas para os **artigos** e **dêíticos** (demonstrativos e possessivos) que se distinguem, no seu comportamento sintático e semântico, dos quantificadores e das expressões qualitativas (Mateus et al., 1989: 256).

No caso dos artigos, os definidos sempre serão determinantes e estes vêm no SN sujeito e SN objeto direto. Quanto aos artigos indefinidos, estes parecem não ser caracterizados pela autora como determinantes, em alguns casos, considera-os quantificadores.

Segundo ainda a lingüista, tanto os especificadores demonstrativos quanto os possessivos não se comportam tal qual um artigo, embora todos possam ser vistos como especificadores. Os demonstrativos têm como característica principal ser ao mesmo tempo um **especificador** e um **dêitico**, no caso, dêitico espacial, localizador. Assim, jamais em português um demonstrativo virá conjugado a um artigo, ao passo que os possessivos são apenas dêiticos, com função de genitivo. A determinação ocorre através do artigo ou demonstrativo que precede obrigatoriamente este dêitico.

Quanto aos numerais indefinidos, estes são classificados como quantificadores. Para a autora a quantificação dos nomes e adjetivos é dada obrigatoriamente pelo número, que opõe, em português, o singular “um” ao plural “mais de um”. São também classificados como quantificadores, em certas circunstâncias, adjetivos, como *inúmeros*, *vários*, *bastantes*, como também artigos indefinidos, como foi visto anteriormente.

Mateus et al. partem da distinção entre categoria lexical e categoria sintagmática, adotando a relação feita por Raposo (1999), ou seja, as categorias lexicais da língua portuguesa são o Substantivo ou Nome (N), o Adjetivo (A), o Verbo (V), a Preposição (P) e o Advérbio (Adv) e cada uma destas é um elemento central de uma categoria hierarquicamente superior na estrutura da frase. As categorias superiores construídas com bases nestas chamam-se categoria sintagmáticas que trazem modificadores. Os pronomes, como podemos observar, parecem não se encontrar dentro das categorias lexicais maiores. Na verdade, esse autor traz uma nova proposta para a classificação dos pronomes que contraria em parte a visão tradicional.

Os pronomes continuariam ser considerados como formas vazias de significação, mas, no caso dos pessoais e dos demonstrativos, estes não terão mais a função de substituir uma categoria lexical nominal, mas todo o sintagma nominal.

Os *pronomes* pessoais e demonstrativos como **ele**, **nós**, **este**, **isso**, **aquilo**, etc., contrariamente ao que a sua denominação indica, substituem a categoria sintagmática NP e não a categoria lexical N (Raposo, 1990: 68).

Quanto às chamadas categorias lexicais menores, estas são formadas pela categoria Determinante (D), onde podemos encontrar os artigos definidos (o, a, os, as), as formas adjetivais demonstrativas (este/a, esse/a, aquele/a). As outras categorias lexicais menores trabalhadas por ele são a do Quantificador (Q), em que encontramos os famosos pronomes indefinidos e os artigos indefinidos, e a categoria Possessivo (P). Fica claro que Raposo, ao fazer essa nova organização das categorias lexicais, provocou uma ruptura no tradicional sistema de classes e na maneira de encarar o pronome.

A distinção entre categorias lexicais maiores e categorias lexicais menores (questionável porque não se aplica aos indefinidos, como *tudo* ou *nada*, e não leva em conta a expansão de certos pronomes, a exemplo de *vocês dois*, *alguns de nós*) não é levada às últimas conseqüências, pois os pronomes pessoais acabam por ser classificados como SN. Mas é óbvio que a expansão de certos pronomes, como *nós*, *vocês* não admite quantificadores sem preposição e determinantes demonstrativos, no que difere dos nomes.

4. A proposta de Llorach

4.2 As unidades do discurso: seus fundamentos

Para Llorach (1999), as unidades do discurso devem ser caracterizadas segundo as suas funções e formas. De acordo com a função, temos palavras independentes e palavras dependentes. As primeiras são as que, isoladamente podem exercer uma função; já as outras necessitam estar combinadas com as formas independentes para terem uma função. São exemplos de classes formadas por palavras independentes os substantivos, os adjetivos, os advérbios e os verbos.

O signo léxico para Llorach não se confunde com o significado referencial. Este é inconstante, enquanto o outro é fixo, constante de língua. Desta forma, *ele* tem significado lexical de 3ª pessoa do singular, aplicável, assim, por força da própria definição de língua, a qualquer ente de que se fala, com a condição lingüística de ser masculino e singular. *Alguém*, por seu turno, é, além

de 3ª pessoa, indefinido, personativo, por isso tendo um campo de aplicação referencial menor, pois tem maior intenção, maiores propriedades lingüísticas.

O autor não se baseia na distinção *campo simbólico* versus *campo mostrativo*, que julga ser insuficiente para opor nome a pronome. Argumenta que a dêixis pode ocorrer em qualquer tipo de palavra.

Se a denotação cumprida por um demonstrativo (ou outras unidades da língua) é ocasional, isto é, variável segundo o ato de fala, seu valor diferencial e sua função são sempre os mesmos. As referências englobadas no campo mostrativo não deixam de ser também noções conceptuais ou simbólicas. Manifesta-se idêntica referência real em: *Nas presentes circunstâncias*; mas ninguém considera *presentes* um demonstrativo. Por conseguinte, interessa determinar que traços funcionais justificam o agrupamento de aparte dos demonstrativos (Llorach, 1999: 108)¹¹.

Apreciamos em nosso trabalho, em virtude dos objetivos dessa dissertação, apenas os substantivos e adjetivos, enfatizando as subclasses desses: os substantivos pessoais.

4.3 Substantivos

De uma forma geral pode-se considerar substantivo toda palavra capaz de exercer em uma oração a função de sujeito, objeto direto sem necessidade de estar combinado com outro vocábulo¹².

O substantivo é toda palavra capaz de cumprir nos enunciados chamados de oração (...) a função de sujeito explícito (*Saindo fumaça, Passam carruagens*) ou de objeto

¹¹ Si la denotación cumplida por un demostrativo (u otras unidades de la lengua) es ocasional, es decir, variable según cada acto de habla, su significación, o sea, su valor diferencial y su función, es siempre la misma. Las referencias englobadas en el campo mostrativo no dejan de ser también nociones conceptuales o simbólicas. Se manifiesta idêntica referencia real diciendo. *En las presentes circunstancias* como *En estas circunstancias*; sin embargo, nadie considera *presentes* como un demostrativo. Por consiguiente, interesa determinar qué rasgos funcionales justifican la agrupación aparte de los demostrativos. (Llorach, 1999: 108).

¹² A proposta de Llorach (2000) se assemelha, em algum lugar, à de Perini (1995), com relação aos substantivos.

direto (*Há fumaças, Há carruagens*) sem a necessidade de outro elemento (Llorach, 1999:72).¹³

Com relação às características formais de um substantivo, Llorach afirma ser estes compostos de raiz, onde se encontra o signo lexical, e desinências, onde se acham os signos morfológicos, acidentes ou morfemas. A raiz é responsável pela criação de novas palavras e as desinências caracterizam a palavra como pertencente a uma classe determinada:

A estrutura interna do substantivo consiste, em geral, na combinação de um signo léxico, expresso pela raiz, e signos morfológicos, *acidentes* ou *morfemas*, que costumam ser expressos pela desinência. A raiz é suscetível de formar parte de palavras de diferentes classes, por exemplo, o significado “custar” expresso pela raiz *cust* pode aparecer em palavras que são verbos (como *custava, custou* etc.), ou substantivos (como *o custo, os custos*). Por seu turno, a desinência, com os acidentes por ela expressos, caracteriza a palavra como pertencente a uma classe determinada. Por outra parte, a comparação, por exemplo, de *o gato e a gata, o gato e os gatos, o gato e gato* permite distinguir os acidentes ou morfemas que caracterizam o substantivo: *o gênero, o número e o artigo* (Llorach, 1999:72)¹⁴.

Os chamados pronomes pessoais tônicos são vistos por Llorach como uma subclasse dos substantivos por se comportarem funcionalmente como aqueles e também, em alguns casos, apresentaram determinados acidentes que marcam a classe dos substantivos, como o número e o gênero. Lexicalmente há também um vínculo entre os substantivos e os pessoais, pois, assim como aqueles, estes apresentam um significado lexical e um significado gramatical, apenas o significado lexical dos pessoais é mais restrito do que o dos substantivos, uma vez que a significação dos pessoais se restringe a uma menção da pessoa do discurso, distinguindo a primeira pessoa do discurso da segunda e da terceira.

¹³ Es *sustantivo* toda palabra capaz de cumplir en los enunciados llamados oraciones (...) la función de sujeto explícito (por ejemplo, *Sale humo, Pasan coches*) o la de objeto directo (por ejemplo, *Hay humo, Había coches*) sin necesidad de ningún otro elemento (Llorach, 1999:72).

¹⁴ La estructura interna del sustantivo consiste, en general, en la combinación de un signo léxico, expresado por la raíz, y unos signos morfológicos, *accidentes* o *morfemas*, que suelen ser expresados en la desinencia. La raíz es susceptible de formar parte de palabras de diferentes clases: por ejemplo, el significado “costar” expresado por la raíz *cost* puede aparecer en palabras que son verbos (como *costaba, costó*, etc.), o sustantivos (como *el coste, las costas*) o adjetivos (*costoso*). En cambio, la desinencia, con los accidentes por ella expresados, caracteriza a la palabra como perteneciente a una clase determinada.

Por otra parte, el cotejo, por ejemplo, de *el gato y la gata, el gato y la gatos, el gato y gato* permite distinguir los accidentes o morfemas que caracterizan al sustantivo: *el género, el número y el artículo* (Llorach, 1999:72).

Neles se combinam um conteúdo lexical e um significado gramatical, como nos substantivos em geral. Diante disso, a especificidade dos *personais* consiste em que a referência se restrinja à mera menção da pessoa (componente este que em outro tipo de palavras funciona como morfema, como ocorre nos verbos). Distinguem-se assim pessoais de *primeira* pessoa, de *segunda* e de *terceira* (Llorach, 1999: 86)¹⁵.

Acrescentamos que, quanto aos pronomes átonos, estes, embora sejam considerados substantivos pessoais, distinguem-se dos chamados substantivos pessoais com função de sujeito, primeiramente, com relação à independência destes últimos como elementos de comunicação. Os clíticos são tidos, em sua maioria, como formas dependentes (Camara Jr., 1970), pois podem assumir a posição de próclise ou de ênclise; outros se comportam como formas presas, os clíticos *lo(s)* e *la (s)*, variações das formas *o* e *a*, respectivamente. Já os substantivos pessoais sujeito são formas livres. Por isto, Llorach nomeou os clíticos de incrementos verbais, por terem este estatuto de morfema.

Ainda quanto às diferenças entre os incrementos verbais e os pessoais com função de sujeito, devemos levar em consideração o fato de que alguns pessoais sujeitos admitem o uso de determinantes quantificadores ou numéricos, *alguns de nós*, *nós oito*, o que não acontece de forma alguma com os pronomes átonos, * *alguns de nos*, * *nos oito*. São, pois, sintaticamente diferentes dos de função de sujeito. Todos os pessoais excluem a presença de adjetivos qualificativos como * *eu bonito*, * *nós bonito*, convém salientar.

4.2.1 A pessoa, o gênero e o número

O significado dos substantivos pessoais de primeira e segunda pessoa se remete à primeira e à segunda pessoa do discurso respectivamente, e nessa relação não há qualquer ambigüidade. A diferença entre um substantivo pessoal e um substantivo próprio, por exemplo, reside no campo referencial denotado por estes. Enquanto os substantivos próprios apresentam um referente

¹⁵ En ellos se combinan un contenido léxico y unos significados gramaticales, como en los sustantivos en general. Pero frente a estos, la especificidad de los *personales* consiste en que la referencia léxica se restringe a la mera mención de la *persona* (componente este que en otro tipo de palabras funciona como morfema, según ocurre en el verbo). Se distinguen, pues, personales de *primera* persona, de *segunda* y de *tercera* (Llorach, 1999: 86).

específico, o referencial dos pessoais vai variar conforme a situação, sendo este referencial *ocasional*.

Em cada situação de fala concreta, existe um falante e um ouvinte. A referência à realidade que fazem os pessoais de primeira e segunda é forçosamente única e inequívoca. Não importa que de uma situação a outra se possa variar de alusão, e que, como se costuma falar, a significação dos pessoais seja «ocasional»: o que fala pode ser João, ou Pedro, ou Maria, e o ouvinte Henrique, ou Luísa ou sua irmã; porém na realidade, o ocasional não é significado, mas sim denotação em cada ato de fala (Llorach, 1999: 86-87)¹⁶.

Devemos salientar também que somente os seres humanos assumem a posição de falante e de ouvinte. As pessoas gramaticais apenas em situações de ficção podem designar objetos que se encontram humanizados (fábulas). A terceira pessoa, porém, designa tudo que não é falante ou ouvinte, referindo-se a seres humanos e a animais, coisas físicas ou mentais.

Quanto ao gênero dos pessoais, geralmente os pronomes da terceira pessoa vão variar em gênero como os substantivos, ou seja, vão ser marcados por morfemas de gênero. Contudo, o gênero do par *ele/ela* não é do mesmo tipo que *mestre/mestra*. Este par tem como base a referência no sexo. No primeiro par, a oposição masculino/feminino é motivada em termos gramaticais, de modo que a terceira pessoa pode se aplicar tanto a entes inanimados, *livro, cadeira*, quanto a entes animados com base no sexo ou não, a exemplos de *homem, mesa*. *Ele* e *ela* copiam o gênero do substantivo e a marca de gênero se encontra numa fronteira entre a flexão e a derivação.

É também a terceira pessoa do singular *ele* um substantivo pessoal por excelência, pois é o que melhor se opõe a *eu* e *tu*, primeira e segunda pessoa do singular. Formas como *alguém* e *algo* apresentam um campo referencial bem mais restrito que a terceira pessoa *ele*. No caso de *alguém*, o

¹⁶ En cada situación de habla concreta, existe un hablante y un oyente. La referencia a la realidad que hacen los personales de primera y de segunda es forzosamente única e inequívoca. No importa que de una situación a otra pueda variar la alusión, y que, como suele decirse, la significación de los personales sea «ocasional»: el que habla puede ser Juan, o Pedro, o María, y el oyente Enrique, o Luisa o su hermana; pero en realidad, lo ocasional no es el significado, sino lo denotado en cada acto de habla (Llorach, 1999: 86-87).

referencial é uma terceira pessoa do singular, personativa, enquanto que em *algo* o referencial é uma terceira pessoa do singular não personativa.

Llorach também argumenta que os pessoais não podem ser precedidos por nenhum determinante, especialmente o artigo.

Eu, em uma situação dada, refere-se sem equívoco a pessoa que está falando, do mesmo modo que *João* ou *O menino* aludem sem ambigüidade a um ser humano concreto e consabido dos interlocutores (Llorach, 1999: 88)¹⁷.

Sem sombra de dúvida, a extensão máxima do sintagma com substantivos nominais é diferente da dos pessoais, uma vez que os nominais admitem determinantes que não podem acompanhar os pessoais, por exemplo: *o menino*, mas não **o eu*, **o ele*, **os nós*; *menina bonita*, mas não ** eu bonita*, ** ele bonito*, ** nós bonitos*.

Porém, há casos em que os substantivos pessoais se interseccionam com os nominais em relação a alguns determinantes, podem, entretanto, apresentar distribuição distinta: *muitos livros*, mas *muitos deles*, *muitos de nós*. Ou podem apresentar distribuição equivalente: *alguns dos meninos*, *alguns de nós*.

Estamos fazendo tabula rasa dos acompanhamentos *inclusive*, *mesmo*, *até* entre outros, cujo *status* não está firmemente consolidado na Gramática. Se os admitíssemos, não haveria problemas, pois eles não têm distribuição pertinente, tanto podem acompanhar um substantivo nominal como um substantivo pessoal: *eu mesmalJoão mesmo*, *só ele/só o livro*, *inclusive eu/inclusive o livro*.

Já a oposição de número dentro da subclasse dos substantivos pessoais, da mesma forma que a oposição de gênero, não se enquadra perfeitamente dentro dos padrões da oposição de número que acontece no restante dos substantivos. Com exceção da terceira pessoa, não é válido dizer que o plural dos pronomes designa um conjunto de vários objetos de uma mesma classe. Por exemplo, em *casas* temos (casa + casa + casa +...), mas já em *nós*, primeira pessoa do plural, a designação poderá

¹⁷ *Yo*, en una situación dada, se refiere sin posible equívoco a la persona que está hablando, del mismo modo que *Juan* o *El niño* aluden sin ambigüedad a un ser humano concreto y consabido de los interlocutores (Llorach, 1999: 88).

ser (eu + ele) ou (eu + tu) ou mesmo (ele + você) etc. Apesar do plural na primeira pessoa está submetido a circunstâncias referenciais, ele não deixa de ter um significado gramatical.

Caso se diga *a casa*, podemos aludir a um objeto dessa classe, e quando dizemos *as casas*, faz se referência ao conjunto de vários objetos da mesma classe. O mesmo ocorre com *ela* (que alude a um ente concreto da classe das terceiras pessoas) e *elas* (que identifica um conjunto de vários entes das classes de terceiras pessoas). No entanto, *conosco* não se forma um conjunto de primeiras pessoas (*eu + eu + eu...*), mas um ente de primeira pessoa (*eu*, que em cada situação é único) acompanhado de outro ou outros entes de distinta pessoa (ou seja, nós equivale a «eu e outros comigo». De igual modo diríamos que *vós* se refere a «tu e outros contigo». Todavia, apesar destas circunstâncias referenciais, não deixa de ser gramaticalmente plural o significado destes substantivos pessoais (Llorach, 1999: 88-9)¹⁸.

Tendo estabelecido, então, nossas premissas teóricas sobre a tradicional classe pronominal no que concerne aos aspectos semânticos e gramaticais, vamos à análise de *corpus*. Para isso, iremos nos deter primeiramente sobre parâmetros sociolingüísticos, referentes à *idade*, ao *sexo* e ao *registro*, em seguida procederemos à análise com base nos referidos fatores, isto naturalmente tendo feito alguns comentários pertinentes sobre o *corpus*.

¹⁸ Si se dice *la casa* podemos aludir a un objeto único de esa clase, y cuando decimos *las casa* se hace referencial al conjunto de varios objetos de la misma clase. Y lo mismo ocurre con *ella* (que alude a un ente concreto de la clase de las terceras personas) y *ellas* (que identifica a un conjunto de varios entes de la clase de las terceras personas). En cambio, con *nosotros* no señalamos un conjunto de primeras personas (*y + yo + yo...*), sino un ente de primera persona (*yo*, que en cada situación es único) acompañado de otro u otros entes de distinta persona (o sea: *nosotros* equivale a «yo y otros conmigo»). De igual modo diríamos que *vosotros* se refiere a «tú y otros contigo». Sin embargo, a pesar de estas circunstancias referenciales, no deja de ser gramaticalmente plural el significado de estos sustantivos personales (Llorach, 1999: 88-9).

2. QUESTÕES DE NATUREZA SOCIOLINGÜÍSTICA

Considerações iniciais

Na busca de esclarecer o porquê do estudo feito das variáveis *sexo*, *idade* e *registro*, abrimos essa seção com importantes pontos de vista da relação língua e sociedade, que não pode ser posta em dúvida por ninguém, e não deveria estar ausente das reflexões sobre o fenômeno lingüístico.

De acordo com Labov:

(...) os lingüistas nunca foram inconscientes dos problemas da variação estilística. A prática normal consiste em deixá-la de lado, não porque a consideram sem importância, mas porque pensam que as técnicas da lingüística são impróprias ou inadequadas para manejá-las.¹⁹

Essa posição de Labov é um reflexo da opinião de lingüistas como Martinet (1973), que é ciente das variedades lingüística, mas não as estuda, pois busca tornar a análise dos dados da língua mais simples. Contudo, afirma o lingüista francês que depois de feita a análise, deve-se realmente lançar mão dos fatores considerados num primeiro momento dispensáveis.

Temos suposto até agora que todo o homem pertence a uma comunidade lingüística e a uma só. Notamos de passagem que nem todos os membros da comunidade falam do mesmo modo e que as divergências podem estender-se a certos pontos da estrutura da língua. Mas, para não complicar a exposição, deliberámos deixar de lado tais divergências, dado que a análise duma língua suposta uniforme é já tão delicada que convém simplificar o mais possível os dados do problema. No entanto, uma vez realizada esta análise, é indispensável fazer intervir os elementos provisoriamente não considerados (Martinet, 1973: 149).

¹⁹ Linguistic have never been unconscious of the problem of stylistic variation. The normal practice is to set such variants aside – not because they are considered unimportant, but because the techniques of linguistics are thought to be unsuitable or inadequate to handle them (Labov, 1972: 70-1)

Ainda de acordo com o ponto de vista de Martinet, o ideal lingüístico seria, indubitavelmente, que todos os falantes não divergissem no uso da língua. Sabemos, entretanto, que isso é impossível, mas o autor acredita que dentro de uma mesma comunidade, por exemplo, 66 parisienses de 20 a 60 anos, pertencentes à burguesia e juntos ao acaso em 1941, não se dão conta da variedade, havendo para eles um sistema absoluto.

Esta tolerância involuntária, como o próprio lingüista assinala, inicia-se ainda na infância, período que geralmente as crianças imitam os hábitos lingüísticos das pessoas que as cercam. Embora, no final das contas, elas tenham que optar por sistemas de oposição nítidos que lhes servirá ativamente, essa opção não as tornará cientes das diferenças existentes em cada traço lingüístico que foram expostas:

(...) Tal identidade lingüística, que as necessidades da comunidade obrigam a postular, impõe-se ao espírito dos indivíduos, torna-os surdos às divergências, leva-os a atribuir a particularidades pessoais, como timbre da voz, qualquer tacho lingüístico particular que por acaso se impusesse à atenção do ouvinte (Martinet, 1973: 153).

As diferenças lingüísticas, porém, podem ser sentidas de forma contundente, quando nos deparamos com as diferenças sociais. Por exemplo, em uma casa de classe média brasileira, ficará claro para os empregados domésticos e os patrões que há uma larga diferença lingüística entre eles. A criança, por seu turno, sabe identificar esses traços lingüísticos divergentes não apenas com as realidades que imagina corresponder a eles, mas também com as personalidades dos que os manifestam e as circunstâncias em que surgem:

(...) Os adultos admiram-se às vezes de certas crianças empregarem os termos com sentido exacto das conveniências, ou seja, das circunstâncias em que a sociedade os espera. Basta pensar nas condições em que a criança aprende a língua para compreender que assim seja (Martinet, 1973: 154).

Labov, ao contrário de Martinet, acredita que todas as variedades lingüísticas, cientes ou não pelo falante, devem ser consideradas desde o primeiro momento da análise de uma língua. Para

isso procurou traçar uma metodologia que busca a explicação principalmente das variedades externas ao sistema da língua, usando, para isso, técnicas próprias para este tipo de análise, surgindo dessa forma a Sociolinguística que lança uma nova perspectiva de entendimento dos fenômenos lingüísticos.

1. A variação lingüística

O estudo das chamadas variedades lingüísticas é fruto da constatação de que em qualquer comunidade lingüística há existência de diversidade ou de variação, porém, esclarecemos que em todo sistema da língua há um conjunto de regras que não podem ser infringidas, sob pena de tornar a compreensão do enunciado difícil ou mesmo impossível, ao conjunto dessas regras infringíveis dar-se o nome de regras categóricas ou invariantes.

Para Labov (1972), as *regras invariantes* não têm nenhuma função comunicativa. Como exemplo dessas regras temos a colocação do pronome sujeito no inglês e no francês. Em português, por exemplo, podemos ter *Vou a Paris*, já em inglês e francês respectivamente é impossível construções como * *Go to Paris*, * *Vais à Paris*.

Quanto às regras variáveis ou variações lingüísticas observadas na língua, segundo Alkmim (2001), em estas estão relacionadas a fatores diversos: dentro de uma mesma comunidade de fala, pessoas de origem geográfica, de idade, de sexos diferentes falam distintamente. Frisa a autora que não existe nenhuma relação de causalidade entre o fato de nascer em uma determinada região, ser de uma classe social determinante e falar de uma certa maneira.

Os falantes, de alguma forma, adquirem as variedades lingüísticas próprias a sua região, a sua classe social e a outros fatores. De uma maneira geral, pode-se descrever as variedades lingüísticas a partir de dois parâmetros básicos: a variação geográfica (ou diatópica) e a variação social (ou diastrática). Ressaltamos que, devido à perspectiva de nosso trabalho, procuramos nos deter mais na variação social.

2. Variação geográfica

A variação geográfica ou diatópica está ligada às diferenças lingüísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origem geográficas distintas. Brasileiros e portugueses, por exemplo, se diferenciam em muitos aspectos de sua fala:

- a) no plano gramatical em Portugal podemos nos deparar com expressões do tipo *A Lua é mais pequena que a Terra* enunciadas por falantes que usam a chamada variável padrão, enquanto no Brasil, os usuários dessa mesma variável falam *A Lua é menor que a Terra*.
- b) dentro do campo lexical, apresentamos como exemplo *voador* em Portugal, *piloto* no Brasil.
- c) no plano fonético, a pronúncia aberta de vogal anterior média como em *prêmio* [‘premjɐ], contrastando com a pronúncia fechada no Brasil, *prêmio* [‘premjɨ].

Ao fazermos uma viagem pelo Brasil, com certeza iremos perceber também diferenças lingüísticas nas cidades onde permanecemos por alguns dias ou mesmo algumas horas. Por outro lado, é comum nos darmos conta de que há traços lingüísticos identificadores de dialetos falados especificamente no campo e outros traços lingüísticos que parecem próprios do meio urbano. Os dialetos rurais podem, na maioria das vezes, transformar-se em dialetos de classes nas zonas metropolitanas, como consequência da migração dos falantes rurais para as ocupações urbanas de menor prestígio. Com relação a este fenômeno, Monteiro (2000) faz uma reflexão sobre o crescimento populacional de uma cidade como Fortaleza:

(...) por conta de problemas como a seca e o desemprego no sertão, chegaremos à conclusão de que a paisagem urbana se transforma drasticamente, passando a contar com um grande cinturão de favelas desordenadas, sobretudo na zona da periferia. É claro que os habitantes dessas favelas trazem seu discurso marcado do dialeto rural. É claro também que o fato de residirem em zonas mais distantes do centro ou dos bairros consideradas nobres vai estabelecendo pontos de diferenciação lingüística. Mais uma vez, porém, há o risco da interseção com outras variáveis, como a classe social e o grau de escolaridade. A análise das variáveis externas deve dar conta de tudo isto (Monteiro2000: 78).

3. Variação social ou diastrática

Para Alkmim (2001), a variação social ou diastrática está relacionada a um conjunto de fatores que se relacionam à identidade do falante e também a organização sociocultural da comunidade de fala. Neste sentido, apontamos os fatores relacionados às variações de natureza social: classe social, idade, sexo e registro. Assinalamos que alguns autores, como Alkmim, não utilizam o termo *registro* para os diferentes estilos de fala, mas sim *situação* ou *contexto social*, pois estes autores pautam sua nomenclatura no fato de ser a situação ou o contexto social os responsáveis pela mudança do registro. Dentro dos quatros fatores sociais aqui citados, salientamos que, em virtude do foco de nossa pesquisa, não nos detemos muito na variável classe social.

3.1 Classe social

Ninguém duvida de que a classe social a que pertence o indivíduo exerce forte influência no seu modo de falar. É muito comum apontar exemplos de variantes lingüísticas usadas preferencialmente numa determinada classe e por isso objeto de estudo empírico. Na Índia, por exemplo, segundo Bright (1960), há as castas brâmame (superior), não brâmame (média) e intocável (inferior), que correspondem à hierarquia social vigente. Na área de Bangalore, a língua Kannada apresenta dados relativos a esta diferenciação social: a palavra *nome* tem as formas /hesru/, hesru, na variedade coloquial dos brâmames, e /yesru/ na variedade não brâmame; a expressão *com licença* é realizada com /kšamisu/ na variedade coloquial dos brâmames e /cemsu/ na variedade coloquial dos não brâmames.

Porém, o estudo desta variável pode trazer problemas de identificação dos fatos da língua que realmente sofrem sua influência. Um elemento que pode ser obstáculo na análise dessa variável é a escolaridade. Vejamos o Brasil, onde a concentração de renda no poder de uma minoria, entre outros fatores, faz que os limites entre a classe média e a classe baixa sejam vagos e nada confiáveis. As classes menos favorecidas, caracterizadas como aquelas em que o índice de analfabetismo é maior, apresentam falantes que também podem dominar com perfeição a variável padrão de nossa língua, enquanto nos estratos mais elevados podemos encontrar não raramente analfabetos.

A sociolinguística, ao analisar os dados de sua pesquisa, deve estar atenta à possibilidade de variáveis intervenientes, empregando um tratamento, assim, estatístico que possa dar conta de armadilhas como é o caso da caótica configuração da escolaridade no nosso país.

3.2 Faixa etária

Durante o período de aquisição da linguagem é muito clara a influência da idade no repertório linguístico do falante. De acordo com Monteiro (2000), a criança apresenta dificuldades na realização da língua, não conseguindo articular bem os fonemas (diz *tatolim* em vez de *cachorrinho*) ou generaliza a aplicação de um dado padrão (*sabi* em vez de *soube*). Há também diferenças marcantes entre a língua dos idosos e dos adolescentes.

Todavia, para o estudioso, a variação linguística detectada em função da idade apresenta um problema central que é o fato de não denunciar a ocorrência de um fenômeno de mudança. Felizmente essa preocupação não nos aflige, uma vez que não tratamos em nossa pesquisa de mudança no uso dos pronomes átonos pelo falante culto de Fortaleza.

3.3 Sexo

Além das diferenças no ritmo da voz, homens e mulheres apresentam diferenças na forma de se expressar verbalmente, há preferência por certas estruturas sintáticas, pelo emprego de determinados vocábulos ou fórmulas de cortesia bem como pela omissão de outros em função da conotação que podem apresentar.

Um expressivo exemplo, segundo Monteiro (2000), na descrição das diferenças linguísticas relacionadas ao fator sexo pode ser encontrado nas Ilhas Antilhas.

O exemplo mais radical foi o que se verificou numa das Ilhas Antilhas, em que os homens falam o caribe e as mulheres falam o arahuaco, duas línguas aparentemente

sem nenhuma relação genética. A explicação que se costuma dar era a de que os caribes teriam invadido a ilha (em que se falava arahuaco), matando todos os seus habitantes, menos as mulheres, com as quais se uniram para repovoá-la (Monteiro 2000:72).

Esta história, porém, é bastante fantasiosa. De acordo com o linguísta, o que ocorria nas Antilhas não era o uso de línguas diferentes por parte de homens e mulheres, mas a adoção de uma mesma língua com restrições de vocabulário. Homens e mulheres não falavam idiomas distintos, havia, na realidade, duas variedades de uma única língua, em que as diferenças se restringiam basicamente ao léxico.

Para Labov (1966), as diferenças linguísticas no falar de homens e mulheres podem ser constatadas primeiramente através da escolha das variantes de uma língua. As mulheres geralmente empregam menos as variantes estigmatizadas do que os homens, parecendo ser estas mais sensíveis aos valores sociais que condicionam o uso da língua. Já Swacker (1978), ao se referir ao estudo da relação língua e sexo, cita Jespersen, cuja posição é a de que o padrão de fala masculina estabelece a norma e a linguagem feminina constitui um desvio em relação a ela.

Coulthard (1991), por sua vez, ao trabalhar a questão do tópico e seu controle, que era também uma preocupação nas pesquisas de Swacker, afirmou que homens e mulheres não só têm estilos diferentes, mas também possuem tópicos preferidos e formas diferentes de usá-los. Segundo Monteiro, alguns estudos mais recentes revelaram que os homens não só diferenciam tópicos, mas também rejeitam e ridicularizam as mulheres que tentam dar uma contribuição na conversa.

Coulthard, porém, não aceita a idéia de Labov na qual as mulheres procuram ser mais polida linguisticamente que os homens, por isso, estas não usariam tanto as variantes estigmatizadas. As formas de tratamento não constituiriam, assim, apenas uma maneira de marcar um relacionamento nas interações face a face, mas também um meio de alterá-lo. O pesquisador salienta ainda, ratificando o que Monteiro disse no parágrafo anterior, que os homens muitas vezes se sentem mais livres, quando se dirigem às mulheres, pois estas são tidas como inferiores, por conseguinte, não é dado a elas o mesmo respeito que é dado aos homens.

Outros autores como Chambers & Trudgill (1991) argumentam que as diferenças lingüísticas devido ao sexo aparecem desde a fala da criança. Em Edimburgo, por exemplo, foi feita uma investigação a respeito da pronúncia do /r/ pós-vocálico e se chegou à conclusão que há um padrão de diferença já na fala de criança de seis anos de idade.

Informa Romaine (1994) que foram evidenciadas em outras pesquisas que uma das marcas relacionadas à fala feminina é o emprego entonacional mais alto no fim de um enunciado, especialmente nas frases afirmativas, que sugere que alguma questão esta sendo formulada. Essa diferença de prosódia entre o falar feminino e o masculino foi interpretada como índice de hesitação e falta de confiança que as mulheres teriam em defender suas opiniões.

Monteiro, contudo, acredita que é possível explicar as diferenças lingüísticas entre os sexos através das pressões sociais, ou seja, em toda comunidade há uma maior pressão para que se use a variante social de prestígio, que são as da classe dominante. As mulheres sofrem mais estas pressões e isto faz que, genericamente, se espere das mulheres um comportamento mais correto. Observemos a passagem extraída da Revista *Veja* (2003):

O QUE UM HOMEM PODE FAZER NO TRABALHO E A MULHER NÃO

Gail Evans é uma das executivas mais poderosas dos Estados Unidos. Vice-presidente da rede de televisão CNN, assistida por 1 bilhão de pessoas em 212 países, ela tem três filhos e é avó de quatro netos. Em seu livro *Nos Negócios, Jogue como Homem, Vença como Mulher*, que esteve na lista dos mais vendidos do *The New York Times* por semanas, ela ensina o que uma mulher deve fazer para ascender profissionalmente. Veja alguns conselhos:

• **Eles podem chorar, elas não**

"Os homens podem chorar porque é inesperado e, se eles fazem isso, é por uma excelente razão. As mulheres comumente choram. Se elas choram, as pessoas acham que estão fazendo isso por instinto, ou então para manipular os sentimentos de quem as vê chorando."

• **Eles podem gritar. Elas não**

"Estamos acostumados a ver homens gritando e mostrando sua raiva publicamente. Faz parte do comportamento masculino. Quando uma mulher grita, as pessoas vêem isso como fragilidade. Acham-na despreparada para lidar com determinada situação."

• **Eles podem ser feios. Elas não**

"Não são somente as roupas que interferem no que as pessoas pensam de você. Para as mulheres também contam a aparência, o peso e até o hálito. Os homens acham que todas as mulheres querem ser magras. Portanto, se você está acima do peso é porque não tem autocontrole, sua auto-estima é baixa. São problemas que, na opinião deles, podem interferir no seu trabalho."

• **Eles podem fazer sexo com as colegas. Elas não**

"Culturalmente, as pessoas não se incomodam em saber que um chefe tem um caso com uma subordinada. Se ele termina o caso, também não causa espanto. Se uma mulher mantém um relacionamento na empresa, todos vão pensar que ela só progrediu por causa do romance, mesmo que tenha talento."

• **Eles podem ser mal-educados. Elas não**

"Desde os tempos do colégio, os homens de sucesso são aqueles de maus modos, que picham muros e matam aulas. Também desde cedo as mulheres de sucesso são as dóceis, de bons modos. Não queira mudar essas regras na empresa, pois elas continuam as mesmas."

ZAKABI, Rosana. Com filhos no currículo. Revista *Veja*, edição de 12/02/2003.

Através da leitura do trecho acima, parece-nos que a posição de Monteiro está bem conectada com a realidade atual das diferenças sociais entre os dois sexos e este tipo de expectativa é uma característica da sociedade burguesa que tolera do homem qualquer tipo de comportamento que transcendem os aspectos de linguagem, impondo o que fazer (no caso do quadro, em contexto de trabalho) e o que dizer, em conteúdo ou em formas léxicas ou expressões tidas como “masculinas”, isto sem falar em prosódia.

É ponto pacífico para nós o fato que a sociedade burguesa ainda cria obstáculos para a mulher se impor como cidadã. Não acreditamos, porém, que por isso ela venha se expressar com mais hesitação e falta de confiança do que o homem e que este se reflète em uma questão pontual como a sínclise.

3.4 Variação estilística ou de registro

Para Lyons (1982) uma forma de tratar o fenômeno da variação estilística ou de registro é considerando o fato de que um sistema lingüístico fornece freqüentemente aos seus usuários meios alternativos de dizer a mesma coisa. Uma definição desse tipo leva-nos a crer que para cada situação o falante de uma língua pode se ater a um determinado comportamento lingüístico ou variação lingüística.

Alkmim (2001) afirma que a escolha de um comportamento lingüístico ou variação se dar dentro de uma escala que vai do mais *formal* ao *informal* e este grau de formalidade está ligado estreitamente às diferenças existentes entre as situações que se encontra o falante.

As diferenças existentes entre as duas situações – tema das conversas, local, etc. – podem fazer com que uma sociedade considere adequado utilizar variedades lingüísticas diferentes ou a mesma. Segue-se, então, que cada grupo social estabelece um contínuo de situações cujos pólos extremos e opostos são representados pela *formalidade* e *informalidade* (Alkmim, 2001:37).

Contudo, as variedades lingüísticas não são apenas refletidas pela necessidade de ser mais formal ou informal o discurso. Essas variedades lingüísticas são refletidas de maneira contundente dentro da estratificação social de uma comunidade. Daí a existência das chamadas variedades de prestígio e das variedades não prestigiadas.

A variedade de prestígio se caracteriza como sendo aquela associada a um grupo dominante dentro de uma comunidade; portanto, é a variedade mais valorizada e como tal passa a ser imitada em situações de formalidade por pessoas dos grupos que se encontram em estratos inferiores dessa comunidade.

A variedade padrão é a variedade lingüística socialmente mais valorizada, de reconhecido prestígio dentro de uma comunidade, cujo uso é, normalmente, requerido em situações de interação determinadas, definidas pela comunidade como próprias, em função da formalidade da situação, do assunto tratado, da relação entre os interlocutores etc. (Alkmim, 2001: 40).

Porém, as chamadas variedades não prestigiadas da mesma forma que as de prestígio ou norma culta são regidas por regras que na maioria das vezes são *imanes* e não *transcendentes*, ou seja, são regras naturais do próprio sistema da língua. Há, no entanto, por parte dos gramáticos tradicionais um frenesi por normas e prescrições que faz que os registros mais informais ou de menor prestígio sejam considerados “incorretos”, desleixados e desorganizados.

É importante ter consciência de que os registros mais informais do inglês e de outras línguas são **regidos por regras** da mesma maneira que os registros mais formais o são. Na maioria das vezes essas regras são imanes e não transcendentais: é o preconceito prescritivo ou normativo da gramática tradicional que tende a obscurecer este fato e que promoveu o ponto de vista segundo o qual o uso informal é relaxado e desorganizado (Lyons, 1982:266).

Ainda com relação à variedade padrão ou norma culta, podemos apontar como mais uma de suas marcas a sua historicidade. A cada época é determinada uma variável como padrão: pronúncias, construção gramatical e expressões lexicais. Assim, o que hoje é considerado como pertencente a uma variedade padrão em outra época poderia ou poderá ter nenhum prestígio.

Vejamos um exemplo histórico: o /s/ implosivo ou chiante passou a existir no dialeto carioca a partir de 1808, quando a corte portuguesa fixou residência no Rio de Janeiro. Os nobres portugueses pronunciavam assim o /s/ e, como eram nobres, sua pronúncia se transformou numa espécie de símbolo de nobreza, que foi imitado pela população local (Monteiro, 2000: 64).

Com relação às línguas em geral, da mesma forma que não podemos dizer que a variedade padrão se caracteriza como tal por ser mais “correta” que as variedades não padrões, não podemos afirmar que há línguas melhores ou piores, \pm simples, \pm inferiores, \pm primitivas. Para a lingüística, toda língua é adequada à comunidade que a utiliza, não havendo línguas pobres em vocabulários e/ou com sistemas gramaticais imperfeitos, pois esta, a língua, é um sistema apto a permitir a um povo expressar o mundo físico e simbólico em que vive.

3. ANÁLISE DO CORPUS

1. A interferência da idade no uso dos substantivos clíticos

O fenômeno da próclise, embora apareça com bem mais frequência que o da ênclise na análise de nossos dados (ver anexo 1), o que pode ser verificado se tomarmos o total (3050) ou o subtotal de cada ênclise, conforme mostram as tabelas 1, 2 e 3:

Tabela 1

Número total de substantivos clíticos = 3050		
	Próclise %	Ênclise %
25 a 35	25,7	1,7
36 a 55	44,72	3,7
56 a 70	22,4	1,8

Tabela 2

Porcentagem por colocação	
	Próclise (2831) %
25 a 35	27,7
36 a 55	48,2
56 a 70	24,1

Tabela 3

Porcentagem por colocação	
	Ênclise (219) %
25 a 35	23,3
36 a 55	51,6
56 a 70	25,1

Na maioria dos casos, tanto os falantes da faixa etária I como os falantes da faixa etária III usam menos os incrementos verbais na posição de próclise do que os falantes da faixa etária II, o mesmo ocorre com incrementos verbais na posição de ênclise (ver também anexo I).

Registre-se que dentro de nossa pesquisa, como o *lhe* raríssimas vezes sofre o uso da ênclise, e te nenhuma vez se enclitiza, o que sinaliza mais um ponto em favor da próclise:

Quadro 1

idade * lhe Crosstabulation				
Count				
		lhe		Total
		próclise	ênclise	
idade	25 a 35	38		38
	36 a 55	26	02	28
	56 a 70	41		41
Total		105	02	107

(1) A Antônio Nobre... a VOCÊ... coube-*lhe* Guerra Junqueira... (EF.56.2.5-6).

(2) E diga-*lhe* que queremos um exemplar da Morte de Dom João... (EF156.3.4-5).

Quadro 2

idade * te Crosstabulation			
Count			
		te	Total
		próclise	
idade	25 a 35	55	55
	36 a 55	24	24
	56 a 70	08	08
Total		87	87

- (3) mas ele/tava te *ga/...te* pagando por um (DII2.15.37).
- (4) ...hoje eu/tava hoje eu/tava dizendo pro::... pro menino lá que eu *te* falei... que eu chamo ele de petista né? (DII30.4.5-97).
- (5) É aquela estória... diz-*me* com quem anda que *te* direi quem tu é (DID5.16.08).
- (6) mas eu ia *te* dizendo... temos chuva demais então... o problema é que temos falta d'água... (DID10.11.48-9).
- (7) E... e... e é uma coisa privada aquele botijão num *te* pertence pertence ao grupo enTENde?... (EF19.5.48-50).
- (8) então *te* dou vou *te* dar:: duas áreas bem distintas aqui... pra você analiSAR... (EF52.4.118-9).

Tabela 4

Total de pronomes usados = 835		
	Próclise %	Ênclise %
25 a 35	93,4	6,1

- (9) eu Acho legal... *te* juro (DII 16.7.98).
- (10) Milk no Último dia d/ eu ir *me* embora... (DII.22.1074).
- (11) de duzentos/e cinqüenta mil litro por mês né? que num é de *se* jogar fora... (DII45.17.51-2).
- (12) algum tipo de câncer que são extirpados e fica/com uma certa seqüela e *nos* procuram pra... corrigir... (DID50.1.9-20).
- (13) pra estimulá-*los*... como *se* fosse uma pessoa... (DID8.14.689).
- (14) acho que sobretudo... tratá-*los*... como *se* fosse uma pessoa... (DID1.9.266).
- (15) e esse refinamento era desejado... pelo próprio público... ou seja porque:: *lhe* daria sTatus... uhn? (EF35.6.184-5).
- (16) coloque-*se* voc/ coloquem:: nesse luGAR... /ta? No lugar dessas pessoa/nessa situação... né? (EF35.1.22-3).

Tabela 5

Total de pronomes usados = 1477		
	Próclise %	Ênclise %
36 a 55	92,3	7,6

- (17) as pessoas vão com você até o canto *pal*he mostrar onde é... (DII28.6.284-285).
- (18) ele... QUASE que *me* enGOle (DII7.15.547).

- (19) sair viu hoje *nos* deram (DII7.15.547).
- (20) pode-se podia *se* dizer que era pobre tinha uns que tinham NOME... (DID12.8.343-4).
- (21) agora a gente tem que escolher três para fazer a carteirinha... inclusive eu não *a* tenho ainda... (DID6.19.620-1).
- (22) Então você passa fome se você quiser... /que tem trabalho... você tem::... pessoas que *te* dão... né?... (DID43.17.538-40).
- (23) A Antônio Nobre... a VOCÊ... coube-*lhe* Guerra Junqueira... (EF156.2.55-6).
- (24) habituara-*se* a àquelas ingênuas conferências ao ar livre... no dia mercado... (EF156.3.73-4).
- (25) você pode levar a educação a torná-*la* (parte) da cultura popuLAR né? (EF18.20.659).

Tabela 6

Total de pronomes usados = 738		
	Próclise %	Ênclise %
56 a 70	92,5	7,5

- (26) eu *ME me* chateava muito com o pessoal da Teologia da Libertação porQUE... eles menosprezavam {MUIto (DII33.3.133).
- (27) E:: PARAlidamente um língua que deveria ser uma língua universal TANTO que criOU-*se* houve uma experiência uma tentativa... (DII47.15.545-6).
- (28) e:: a música popular::... *lhe* perguntar se você... canta alguma coisinha pra nós? (DII48.19.595-6).
- (29) eu posso... eu posso::... *lhe* perguntar se você... canta alguma coisinha pra nós? (DII48.19.595-6).

- (30) vê uma pessoa por exemplo uma pessoa doENte caída na rua e você... ampará-la né?... (DID13.8.234-5).
- (31) então o sujeito fez... parece-me que foi esse lugar... (DID23.10.447-8).
- (32) instruí-los Todos PA/poderem... executarem aquilo que eu mando... (DID49.12.386-7).
- (33) é a velha história quando eu digo assim... eh::me dá um dinheiro aí... me dá um copo d'Água... parece MUIto mais cheio de de:... di::gamos assim de comunicaÇÃO de comunicabiliDAde ou espontaneiDAde... (EF14.2.28-31).
- (34) Hoje... uma LÍNGUA... INDO-EUROPÉIA ESCRITA... CLÁssi-ca... que pudesse serVIR de PONto de parTida... para se chegar... ao indoeuroPEU... (EF214.2.42-4).
- (35) é muito fácil... tornar-se fácil... porque nós temos documentos esCRItos... (EF14.7.196-7).

Investigando o uso dos substantivos pessoais no universo de cada faixa-etária, verificamos que os resultados se repetem, sempre há uma maior incidência de próclise do que de ênclise. Isto nos faz concluir que a faixa etária não interfere na colocação dos clíticos dentro desse *corpus*.

2. A interferência do sexo no uso dos substantivos clíticos

Começamos pela apresentação de tabelas abaixo 07 e 08, em que percebemos a “a indiferença” do fator sexo à sínclise: a próclise domina disparada.

Tabela 7

Número total de pronomes = 3050		
	Próclise %	Ênclise %
Masculino	53,1	4,1
Feminino	39,7	3,1

Tabela 8

Porcentagem por colocação	
	Próclise (1619) %
Masculino	57,2
Feminino	42,8

Tabela 9

Porcentagem por colocação	
	Ênclise (123) %
Masculino	56,2
Feminino	43,8

Conforme as tabelas 10 e 11 abaixo, o resultado se reitera. Num total de 1742 substantivos clíticos utilizados pelos falantes do sexo masculino, 93% são postos em posição de próclise e somente 7% em posição de ênclise. A realidade dos falantes do sexo feminino é praticamente a mesma dos falantes do sexo masculino. Dos 1308 clíticos pessoais realizados no discurso por estes falantes, 92,7% se encontram em posição de próclise e 7,3% em posição de ênclise, havendo assim entre os falantes, tanto do sexo masculino como do sexo feminino, um mesmo comportamento na hora de optar pela posição dos substantivos pessoais na realização no discurso. Ressaltamos também que o sexo masculino apresenta um maior número de clíticos dentro de seu discurso, mas esta diferença deve-se provavelmente ao fato de que há um maior número de informantes masculinos (39) do que de informantes femininos (36).

Tabela 10

Total de substantivos clíticos usados = 1742		
	Próclise%	Ênclise%
Masculino	93	07

3. mas a mesa está posta... vamos *nos*... sentar para o almoço... (DII39.15.480).
4. ...já que vai desenvolvê-*lo* (DII11.5.198-199).
5. Fortaleza agora vai ser alvo de uma grande Festa de três DIAS chama-*se* ForTal... (DII28.14.640).
6. e... quando eu *a* conheci também é que vi que eu fiz o curso... (DID8.11.501).
7. parece-*me* que forças fascistas têm-se beneficiado muito... (DID10.22.693-4).
8. ela separa-*se* do maRIdo... (DID40.2.81).
9. e o general então *lhe* perguntar... (EF53.14.455).
10. se eu tiver na minha rede ninguém *me* tira... porque lá eu que dou as ordem... enTENde?... (EF19.26.866-7).
11. e o movimento simbolista parece-*me* que é de Cruz e Sousa... ele refutou essa afirmação de de:... de Mário Linhares (EF3.8.356-7).

Tabela 11

Total de substantivos clíticos usados = 1308		
	Próclise%	Ênclise%
Feminino	92,7	7,3

12. a Susi *me* chamou lá pra fora pra... (DII2.14.659-60).
13. Eu num Posso ir né? por causa da entrevista eu num posso acompanhá-*la* mas... (DII39.5.133-4).
14. NÃO { não eu fui acordá-*la* certo (DII7.26.974).
15. ...o Liceu do Ceará era uma escola pode-*se* dizer se hoje em dia a gente for olhar... era escola ((ruído)) quem queria alguma coi::as... (DID12.8.374-5).
16. cuida.. dos came::los... são pessoas humildes... mas parece-*me* que eles... são assim um pouco... traiçoeiros... (DID43.14.426-7).
17. e/eu num Posso *te* falar assim porQUE... eu nunca assim a gente num::... num::... nunca foi assim pra pra conversar/ta entendendo? (DID106.6.184-6).
18. é dose você realmente não *lhe* inTERESSA você... (DID6.10.316).
19. RI-*me* embaraçado... com ar de Tolo... que devo escrever enTÃO?... (EF156.3.62-3).
20. Cunha e Cintra... COIsa a *se* observar aQUI é que ele Fala... (EF25.1.14-5).

Conclusão parecida coma a nossa se encontra no trabalho de Mariza Silva (1974), segundo a lingüista, a variável sexo não deve ter nenhuma influência na colocação dos pronomes. Este seu trabalho constou de dez informantes com a escolaridade mínima equivalente ao ensino médio completo. Já Rapp *et all.* (1986), trabalhando com um *corpus* da norma culta de Salvador, observou que as mulheres usam menos a próclise do que os homens, caracterizando-se como mais conservadora.

Dentro da pesquisa de Monteiro (1994) podemos encontrar um resultado que não se enquadra totalmente nas nossas análises. Há no seu *corpus* um maior uso de ênclise por parte dos falantes do sexo masculino, mas os falantes do sexo feminino apresentaram um maior percentual no uso da próclise o que o leva a crer que a mulheres revelam uma participação decisiva em relação a

fenômenos de mudança, porém o lingüista não fecha a questão, uma vez que não pode provar em tempo real.

A ênclise é bem mais empregada pelos homens do que pelas mulheres, o que reafirma o que vimos observando para a questão da presença dos pronomes sujeitos e para o apagamento dos pronomes objetos (Monteiro: 1994: 198).

Já observamos pela leitura da Tabela I que os percentuais de empregos dos pronomes em relação aos demais vocábulos são mais elevados na fala culta das mulheres do que na dos homens. Agora verificamos que, levando em conta a escolha entre a presença e a ausência, as mulheres também apresentam uma taxa mais alta de emprego do que os homens (...).

Há, pois, não se pode negar, uma diferença significativa e surpreendente devida ao fator sexo. Com efeito, se os estudiosos sociolingüísticos demonstram em geral que as mulheres procuram expressar-se mais de acordo com o que se considera um modo “correto” de falar e se os nossos gramáticos ensinam que os pronomes sujeitos devem ser evitados, o esperável seria uma taxa mais alta de emprego por parte dos homens. Acontece, porém, que outros revelam uma participação decisiva do sexo feminino em relação a fenômenos de mudança. E assim não será descabida, embora no momento não se possa testá-la em função do tempo real, a hipótese de que está havendo uma mudança na questão do emprego dos pronomes retos (Monteiro, 1994: 143-44).

Não buscamos desacreditar seu trabalho, mas nos parece incoerente o estudioso, em determinados momentos de seus escritos, afirmar que as diferenças lingüísticas devidas ao sexo surgem pelo fato da mulher ser a percussora nas mudanças, capaz de dar origem a um novo sistema de pronomes, e, em outros escritos, tais diferenças lingüísticas são oriundas de pressões sociais, portanto, o falar da mulher estar presa aos padrões impostos pela sociedade, conforme atenta a passagem.

A sociedade burguesa quase sempre espera que as mulheres utilizem uma linguagem mais polida, mais elegante, mais nobre. Dos homens tolera a linguagem rude, até obscena, ou mesmo distanciada da língua-padrão. Por isso, os homens e as mulheres falam como falam, porque sentem que um tipo particular de língua é mais adequado a seus sexos e sabem que essa adequação é reforçada por várias pressões sociais.

As diferenças lingüísticas devidas ao fator sexo surgem, pois, porque a língua como fenômeno social está intimamente relacionada a atitudes sociais. Os indivíduos são socialmente diversificados em função dos vários papéis sociais que a sociedade lhes impõe e das expectativas de padrões do comportamento que são criadas para cada um deles (Monteiro, 2000: 76).

3. A interferência da variação de registro no uso dos pronomes oblíquos átonos

Dentro de nosso trabalho, a análise da interferência da variação de registro no uso dos incrementos verbais veio somente confirmar o que há em outros trabalhos, como o de Monteiro (1994: 200) e Rapp *et all* (1986:193). Tanto os inquéritos formados por diálogos entre informante e documentador (DID) como os formados entre dois informantes (DI2) apresentam um menor índice de ênclise que os inquéritos formados por elocução formal, sendo, portanto, o uso da próclise menor neste último tipo de inquérito.

Tabela 12

Total de substantivos clíticos usados = 753		
	Próclise %	Ênclise %
DII	96	4

21. esse tempo TOdime *me* chamar de Célia homem... (DII116.9.276-277).
22. O resto todo é a mulher do Petrúcio que chamava-*se* Biga (DII28.15.714).
23. NÃO {não eu fui acordá-*lo* certo (SIM).
24. então eles não registra abandona *os* (DII33.11.533).
25. e precisa trazer *me::* ou aliás {toA::lha (DII7.19.703).
26. um mobiliza-*se* de um determinado aspecto do filme (DII7.3.93).
27. PRA não dar informação errada eu mandei *lhe* perguntar porque de repente eu dizia que era só (...) (DII7.28.1071-3).
28. não quero inocentá-*lo* num quero... (DII39.30.964).
29. inclusive eu acho que eu tenho aí eu... depois *te* DOU... (DII30.39.1258).

30. porque foi uma língua que ela... na realidade espalhou-se no mundo... (DII47.15.361-2).
31. É ele devia ter parado mesmo saía como herói como Pelé na vida e vai morrer herói... pronto açã{bou-se (DII30.41.1320-1321).
32. E precisa trazer *me::* ou aliás {toA::lha (DII7.19.703).

Tabela 13

Total de substantivos clíticos usados = 1577		
	Próclise %	Ênclise %
DID	93,2	6,8

33. pela pela origem lá:: das comidas parece-me que dão muito... (DID9.13.397).
34. parece-me que forças fascistas têm se beneficiado muito... (DID10.22.693-4).
35. nesse sentido as afiniDAdes... se manifesta/também na nas conversões... (DID10.22.718-9).
36. casou-se com um Negro um Negro mesmo... (DID13.25.808).
37. o o o IAPAS:: acabou-se também ficou só oINS NPS... (DID13.25.808).
38. acho que Roberto Marinho num cogitou de tirá-lo do poder... em benefício... do flagelado da seca (DID10.5.142-3).
39. vai ter pessoas... que vão acusá-lo... né? (DID12.24.781).
40. sa/jogou-os pra sociedade é o mundo Deles (DID12.18.880).
41. embora aposentado ainda me SINto como... tendo-o... como chefe... (DID44.17.539).
42. a pessoa que mora com a gente é que ajudou a::a como se fosse... da da... nossa casa mesmo a S... (DID8.11.531-2).

43. só que cada um tem sua maneira diferente de atuAR né? tem sua maneira diferente de tratar *as as* aBAIXo da linha (DID21.28.899-900).
44. eu seria capaz de *lhe* citar aqui uns três ou quatro nomes (DID10.8.245.6).

Tabela 14

Total de pronomes usados = 737		
	Próclise %	Ênclise %
EF	88,7	11,2

45. você *me* pergunta hoje o seguinte... por que nós temos... o Brasil... o EXÉRCito... Marinha e Aeronáutica... (EF17.2.126-7).
46. Antônio Nobre... a VOCÊ... coube-*lhe* Guerra Junqueira... (EF156.2.55-6).
47. Eu *me* identifico com (*se* diz)... em termos psicológico... (EF19.9.281-2).
48. num estilo fresco e sadio do autor... tocou-*me* a vez de ler a carta ao poeta da Velhice que é o Guerra Junqueira... (EF156.3.77-9).
49. As Opalas do Fontoura Xavier... parece-*me* que:: em oitenta e seis Pegadas ((ruído)) de Medeiro de Albuquerque que depois seria um inimigo do simbolismo... (EF3.4.186-8).
50. dos muçulma::nos e os... cristãos né?... pra *se* comuniCAR... teria aparecido essa... essa língua saBIR OU... língua FRANca... certo?... (EF138.4.123-5).
51. h *se* publicava também Padaria... eh Trova/eh poesias regionais... de Antônio SALes... né?... (EF156.6.187-8).

52. aí DIzem né? que acredita-se que... que o PIDGIN tenha muito a ver com... (EF138.4.125-6).
53. e Antônio SALES então ele... apadrinhou-se da Padaria ele foi o paDRInho... (EF56.2.31-2).
54. todos nós tínhamos entusiASmo pela gloriosa constelação portuGUEsa... recolhemo-nos para meditar frases ao Eça ao Nobre... (EF156.3.68-70).
55. e depois mordê-los isso tudo é decadentista ((ruído)) (EF3.2.51-2).
56. se eu:: te perguntar qual é temperatura... (EF54.11.353-4).

Porém, num cômputo geral do uso dos substantivos clíticos no nosso *corpus*, há uma predominância tanto da próclise como da ênclise nos inquiritos do tipo DID (ver anexo 3), mas este fenômeno é facilmente explicado: há um maior número de clíticos pessoais nos inquiritos do tipo DID (1577) do que nos inquiritos do tipo DII (736) e EF (737). Pode ter havido influência da presença do documentador.

4. A título de conclusão: a superação das variáveis sociolingüísticas

Como podemos concluir a partir da análise do *corpus* PORCUFORT, as variáveis sociolingüísticas não podem responder aos porquês do falante culto em Fortaleza preferir o uso da próclise em detrimento da ênclise. Um fenômeno importante, entretanto, faz se presente: o fato de um determinado grupo poder lançar mão de um número maior de clíticos no discurso oral que o outro, como ocorre com os falantes da segunda faixa etária, com os do sexo masculino ou ainda com aqueles que se encontram no registro do tipo DID. No entanto, ratificamos que este fenômeno não é responsável pelo uso da próclise pela grande maioria dos falantes.

Para Couto (1997), também não se deve ter com explicação para a sínclise a sintaxe, como pregam os lingüistas modernos, ou mesmo a estilística ou a eurrítmica como faz a Gramática Tradicional, uma vez que o fenômeno da sínclise tem suas explicações principais na fonética, no caso da língua portuguesa do Brasil, na tonicidade vocabular.

Ora, quando observamos dados concretos de línguas reais, como é o caso em questão, verificamos que “a solução sintática” não consegue explicar entre outras coisas, por que no Brasil há uma preferência pela próclise. É que se trata de um fenômeno mais fonético do que meramente sintático, de manipulação de regras de acordo com o modelo que eventualmente se use (Couto, 1997:140).

De acordo com o lingüista, o grande número de próclise no discurso oral do falante se deve por conta da tentativa de tornar a tonicidade vocabular do português brasileiro homogênea através da paroxitonização.

Parti da hipótese de que a preferência do português brasileiro pela próclise se justifica, ou melhor, tem sua causa na tendência decidida, existente no Brasil, pela paroxitonozação vocabular. Ou seja, o falante sente o grupo “verbo + pronome” como um vocábulo fonológico²⁰ que então obedece a mesma tendência geral da tonicidade vocabular do português brasileiro (Couto, 1987:141).

O autor, procurando dar exemplos concretos para melhor justificar sua tese sobre a importância da tonicidade, analisou esses dados com a preocupação de verificar as ocorrências da ênclise em quatro momentos.

Num primeiro momento, verificou como a ênclise se apresenta nos “verbos simples”. Constatou, então, que nesse tipo de verbo 80% dos casos foi de próclise, aparecendo, em sua maioria, em verbos paroxítonos e em alguns casos em verbos oxítonos. No segundo momento, o lingüista se prendeu aos “verbos compostos” nos quais a próclise teve uma presença avassaladora. Analisou também ocorrências com “verbos no infinitivo” e o resultado dessas foi equilibrado, havendo praticamente o mesmo número de casos de próclise e de ênclise. Quanto aos “verbos no gerúndio”, a ênclise teve um maior número de ocorrências.

²⁰ (cf Camara, 1970:70).

O fato de os verbos no infinitivo e no gerúndio não apresentarem o fenômeno da próclise, segundo o estudioso, não anula a sua hipótese de que o falante busca a paroxitonização dos vocábulos. Pelo contrário, os verbos no infinitivo e no gerúndio apenas levam a crer que nem todos os vocábulos se paroxitonizam: há ainda oxítonos e proparoxítonos, só que em número bem menor.

Couto (1974) observou, que no meio rural, há também um elevado número de próclise, o que reflete a tentativa de paroxitonização dos vocábulos entre os falantes camponeses. Há apenas uma regra para a colocação pronominal nesse dialeto: se o pronome é tônico, vem após o verbo; se é átono, antes do verbo.

Assim como Couto, Monteiro (1994) se rende à prosódia, pois afirma este que dificilmente se pode ter uma regra categórica de colocação dos clíticos. Pelo menos para o português brasileiro, isso não é possível, uma vez que a sínclise constitui um fenômeno extremamente variável. Acredita, no entanto, o linguísta que esse fenômeno tem suas raízes na fonética, uma vez que pode ser esclarecido com base na prosódia e no aspecto rítmico. Contudo, deixa o leitor confuso, pois, embora não conclua que o fator rítmico-prosódico seja o único de seu interesse, não deixa claro de que forma outros fatores podem concorrer com este.

Autores como Castro (1973) e Azevedo (1979) são também adeptos da prosódia como fenômeno preponderante na explicação da sínclise. Castro demonstrou que a colocação dos incrementos verbais sofreu variação do português medieval ao contemporâneo, entretanto, essa variação não se deu de forma igual em Portugal e no Brasil. Enquanto no Brasil dão preferência à anteposição, em Portugal manifesta-se uma tendência para posposição.

Azevedo, além de considerar a acentuação como elemento responsável pela colocação dos clíticos, acredita que o ritmo também influencia tal deslocamento. Ao contrário da língua inglesa, em que o substantivo pessoa com função de complemento é colocado após o verbo em virtude do ritmo de padrão descendente na língua portuguesa ocorre uma decisiva tendência para próclise, por ser paroxítona a acentuação predominante.

A partir do que foi exposto, entendemos ser a prosódia fonte de explicação para o uso demasiado da próclise dentro de nosso *corpus* e por questões imperiosas, como o tempo, não podemos verificar a influência da acentuação e do ritmo dentro das nossas ocorrências. Contudo, deixamos esta proposta para novas pesquisas, que sabemos de antemão, ao examinarem com profundidade a prosódia dentro do fenômeno da sínclise pronominal, trarão a resposta que tanto procuramos a esta pergunta: por que o falante do português do Brasil prefere tanto a próclise no seu discurso oral?

CONCLUSÃO

Nossa dissertação sobre os clíticos átonos no português oral culto de Fortaleza procurou não só investigar o comportamento desses dentro da fala do fortalezense culto, como também trazer à tona discussões sobre pronomes.

Nossa meta foi focar os fatores sociolingüísticos, tendo como variáveis a *idade*, o *sexo* e o *registro*. Estes, durante a investigação do nosso *corpus*, mostraram-se insuficientes no entendimento dos condicionamentos de distribuição dos clíticos ou incrementos verbais no discurso oral do português culto de Fortaleza.

Ante a maciça presença da colocação proclítica dentro do nosso *corpus*, teorizamos sobre a influência da prosódia nos incrementos verbais, uma vez que não se pode negar que tanto a acentuação, que faz com que o falante do português do Brasil paroxitonize os vocábulos dessa língua, como o ritmo grave tornam esta língua bem diferente da de Portugal.

Através também desta investigação, alguns mitos foram desfeitos, como o de que a idade tem papel importante na colocação dos clíticos ou de que, de acordo com o sexo, temos uma determinada sínclise desses vocábulos. Neste último caso, também tentamos deixar claro nossa posição de não comunhão com os argumentos de cunho preconceituoso contra a mulher, que criam mais obstáculos ao se tentar entender os fenômenos lingüísticos.

Com relação ainda a variáveis sociolingüísticas, acrescentamos que estas trazem uma peculiaridade: uso das formas átonas com maior intensidade numa determinada faixa. Os falantes da segunda faixa etária (36-55 anos) incorporam no seu discurso um número de clíticos mais ou menos equivalentes à soma dos clíticos usados nas duas outras faixas etárias: faixa etária I (835), faixa etária II (1477), faixa etária III (738). Foi também alvo de nossa observação o número de informantes que ocorrem em cada uma dessas faixas: faixa etária I (28), faixa etária II (28) e faixa etária III (18). Numa pesquisa futura poder-se-á explicar o grande número de clíticos concentrado na segunda faixa etária.

No registro, os clíticos têm uma maior presença dentro do DID (1577); DII e EF apresentaram 736 e 737 clíticos respectivamente. Uma explicação para este acontecimento seria que os informantes do DID relatam algum fato ou acontecimento dentro de um discurso praticamente corrido, com poucas interferências do documentador. Assim ficam à vontade dentro da entrevista, usando os clíticos sem temer restrições.

A discussão teórica, quanto às características que marcam as formas conhecidas como pronomes, teve como finalidade rever o conceito de dêixis, assim como propor uma nova perspectiva de entendimento com relação à temática. Argumentamos que a dêixis não pode ser encarada como traço primordial da classe denominada pela gramática de pronomes, uma vez que nem todos os elementos dessa classe podem ser considerados dêiticos: os indefinidos, por exemplo.

Mesmo entre as pessoas do discurso, a noção de dêixis é insuficiente para a determinação destas. A terceira pessoa na grande maioria dos casos não se comporta como dêitica. Se considerarmos a existência de uma não-pessoa, não resolveremos o problema, já que ficaria complicado, para não dizer vexatório, explicar a primeira pessoa do plural *nós* quando esta se referir a *eu +ele* ou *eu + outros*.

Nos casos de pronomes com sentido genérico, a dêixis como marca de pessoa se tornar ainda mais insuficiente, pois teríamos de explicar discursivamente que um *eu* genérico varia seu referencial de uma pessoa em particular a um conjunto, por exemplo.

Contudo, seríamos negligentes se afirmássemos que o estudo da dêixis nos vocábulos tidos como pronominais é infrutífero, uma vez que através dessa noção foi possível detectar que dentro da língua há elementos especializados, que necessitam da pragmática para o entendimento da relação significado – referencial. A propósito, aqui abrimos um parêntese para esclarecer que não fazemos diferença entre significado lexical e significado gramatical, tendo em vista que todos os significados são dados pela língua.

A perspectiva que abraçamos, como forma de esclarecer o comportamento dos vocábulos considerados pronomes, baseia-se no critério da função de Llorach. Os pessoais estão localizados, de acordo com a nossa proposta, dentro das classes dos substantivos. Outros, como os demonstrativos, são subclasses de adjetivos ou substantivos

Essa redistribuição se apóia na função exercida por tais elementos num sintagma, como também na estrutura morfológica apresentada por estes. Entendemos que só assim fica mais coerente e lógico admitir que uma forma como *eu* seja analisada sintaticamente como um substantivo e morfológicamente se apresente no singular. Com *ele/ela*, além do número, há o gênero cujo traço fica numa fronteira entre a flexão e a derivação.

Sabemos que há muito a ser dito e esclarecido com relação a esses complexos vocábulos, não apenas com referência à parte teórica como também com referência à análise do *corpus*: o fator fonológico, por exemplo, deva provocar a sínclise dos clíticos no português oral culto de Fortaleza, mas este como outros pontos correlatos (os contextos léxico-sintáticos) já demandariam outro trabalho. Por fator fonológico entenda-se o acento, o ritmo que também, em alguns casos, servirão de subsídio para a análise da questão pragmática do foco.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALI, M. Said. Os pronomes: espécies, formas e significação. *Gramática Histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1966a.

_____ 1966b. *Dificuldades da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica.

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. FERNANDA, Mussalim, ANNA, Christina Bentes (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.

ALMEIDA, Napoleão Mendes. *Gramática metódica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1983.

ARNOULD et LANCELOT . *Grammaire générale et raisonnée*. Paris: Republications Paulet, 1969.

_____ et NICOLE. *La logique ou l'art de penser*. Paris: Flammarion, 1970.

AZEVEDO, Edione Trindade. *A colocação do pronome átono na língua portuguesa e na língua inglesa*. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras da UFRJ, 1979. (Dissertação de Mestrado).

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucena, 1999.

_____. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Nacional, s/d.

BENVENISTE, Émile. A natureza dos pronomes. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas: Pontes, 1991.

BRIGHT, William. Dialeto social e história da linguagem. FONSECA, M. Stella Vieira & NEVES, Moema F. (orgs.). *Sociolingüística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

BÜHLER, Karl. *Teoría del Lenguaje*. Madrid: Espasa, 1934.

CAMARA, Mattoso Jr. *Princípios de lingüística geral*. Rio de Janeiro: Vozes, 1969.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.

_____. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.

_____. *Dicionário de lingüística e gramática*. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.

CASTRO, José Ariel. *A colocação do pronome pessoa átono no português arcaico (século XIII)*. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras da UFRJ, 1973 . (Tese de Doutorado).

CERVONI, Jean. A dêixis. *A enunciação*. São Paulo: Ática, 1989.

CHAMBERS, J.K. & TRUDGILL, Peter. *Dialectology*. Cambridge: The Mit Press, 1993.

COULTHARD, M. *Linguagem e sexo*. São Paulo: Ática, 1991.

COUTO, Hildo Honório do. *O falar capelinhense. Uma visão sociolingüística*. Londrina: UEL, 1974.

_____. *Fonologia e fonologia do português*. Brasília: Thesaurus, 1997.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática contemporânea da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1983.

FREGE, G. Sens et dénotation. *Ecrits logiques et philosophiques et philosophiques*. Paris: Seuil, 1971.

JAKOBSON, Roman. Les embrayeurs, les catégories verbales et le verbe russe. *Essais de linguistique générale*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1963.

JESPERSEN, Otto. Cases-shiftings in the Pronouns. LONDON, George Allen & UNWIN. *Selected writings of Otto Jespersen*. Tokyo: Senjo Publishing, 1933.

_____. *Language, its Nature, Development and Origin*. LONDON, George Allen & UNWIN. Tokyo: Senjo Publishing, 1964.

LABOV, William. *The Social stratification of English in New York City*. Washington. D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

_____. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LAHUD, Michel. *A propósito da noção de dêixis*. São Paulo: Ática, 1979.

LLORACH, Emilio Alarcos. *Gramática de la Lengua Espanõla*. Madrid: Espasa Calpe, 1999.

LYONS, John. *Linguagem e lingüística: uma introdução*. São Paulo: Nacional, 1982.

MACAMBIRA, José Rebouças. *Estrutura morfossintática do português*. São Paulo: Pioneira, 1987.

MARTINET, André. *Elementos de lingüística geral*. Lisboa: Sá da Costa, 1973.

MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedinha, 1983.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. Fortaleza: EUFC, 1986.

_____. *Pronomes pessoais*. Fortaleza: EUFC, 1994.

_____. *Para compreender Labov*. Petrópolis, Rj: Vozes, 2000.

NEVES, Maria Helena M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

PEIRCE, C. S. *Collected Papers*. The Belknap Press of Havard University Press, 1931-1935.

PERINI, Mário Alberto. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995.

RAPOSO, Eduardo de Paiva. *Teoria da gramática*. Lisboa: Caminhos, 1991.

RAPP, Carola et al. Colocação dos pronomes átonos na norma urbana culta de Salvador. *Atas (do) I Simpósio sobre a Diversidade Lingüística no Brasil*. Salvador, Instituto de Letras da UFBA, 1986.

ROMAINE, Suzanne. *Language in Society – An Introduction to Socio-linguistics*. Oxford:Oxford University Press, 1994.

SACKER, Majorie. The sex of the speaker as a sociolinguistic variable. THORNE, Barrie & HENLEY, N. (eds.). *Language and sex: difference and dominance*. Massachusetts: Newbury House Publ.1978.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot, 1972.

SEARLE, John. *Speech acts*. Cambridge University Press, 1969.

SILVA, Mariza Pires F. do Nascimento. *Aspectos da colocação dos pronomes clíticos no dialeto do português falado na cidade do Rio de Janeiro, numa abordagem transformacional*. Rio de Janeiro, PUC, 1974. (Dissertação de Mestrado).

ZAKABI, Rosana. Com filhos no currículo. *Revista Veja*. Rio de Janeiro: Abril, 2003.

VENDRYES, J. *La Langage*. Paris: Albin Michel, 1972.

ANEXO I

FREQUÊNCIA

Tabela 1

	Próclise %					
	se	me	o	a	lhe	te
25 a 35	91,3	98,8	85	50	100	100
36 a 55	93,1	95,9	72,7	43,8	92,9	100
56 a 70	88,9	99	80	54,5	100	100

Tabela 2

	Ênclise %					
	se	me	o	a	lhe	te
25 a 35	8,7	1,2	15	50	0	0
36 a 55	6,9	4,1	27,3	56,2	7,1	0
56 a 70	11,1	1,0	20	45,4	0	0

Faixa etária I

92. e:: a música popular:::... vai:::... vai:::... *se* degradando (DII.48.1.22).
93. esse grupo que *se* reúne aqui todos os domingos? (DII.48.11.345).
94. E:: PARAlamente uma língua que deveria ser uma língua universal
TANTO que criOU-*se* houve uma experiência uma tentativa...
(DII.47.15.545-6).
95. fala-*se* muito hoje no Brasil... (DID10.6.74).

96. fala-*se* em semi-Árido o Nordeste não é propriamente um semi-árido (DID10.10.299-300).
97. ah:: o Renascimento desculpe... caracterizou-*se* pelo racionalismo... (EF35.4.119-20).
98. num sei se eu... *lhe lhe* emprestei (DII33.2.73)
99. mas assim eu num posso *te* falar assim com certeza quem é que vem mais eu sei que aQUI... (DID106.9.272-3).
100. então... hoje nós *nos* consideramos até... (EF17.11.332-3)

Faixa etária II

101. publicavam-*se* As flores do mal de Baudelaire ... (EF3.2.56-7).
102. parece que num tinha por que lutar já tinha um NOME tinha aquela coisa né? deitou-*se* em berço berço esplêndido né?... (DID12.11.512-3).
103. então GAStá-*se* dinheiro (DID10.12.389).
104. mais como *se* chama...(DII.48.4.121).
105. eles preciSAvam de... DE alGUma variedade lingüística PRA *SE* comunicar então... (108) aí nós temos também o... PIDgin... (EF138.3.82-3).
106. o último dia d/ eu ir *me* emBOra... (DII2.22.1074).
107. ela *me* disse que é a maiOR difi/ oh... (DII116.16.513).
108. foi passar a gente foi VÊ-*lo* um filme também bastante simples... (DID8.10.470-1).
109. novela é um negócio que num *lhe* deixa nada... a não ser... que seja uma novela com fatos (...) históricos...(DII33.21.1024-1025).
110. MARX *nos* mostra que existe um movimento na hisTÓria (EF18.6.170-1).

Faixa etária III

111. DAR:: passar traBALho mostrar com/é que *se* faz... (DII33.15.710).
112. eh::... as Letras... dividiam-*se* em Letras... Neolatinas... (DII.47.6.172).
113. têm... eles... é... eles *se* originaram em mil novecentos e *se*/... sessenta e sete... na Universidade de (Kansas) nos Estados Unidos... (DII33.1.8-9).
114. ela apareceu no::vamente lá ainda muito bonita... e depois eu não *a* vi mais... (DID23.7.340-1).
115. eu num POSSo ir né? por causa da entrevista eu num posso acompanhá-*la* mas... (DII39.5.133-4).
116. ia *lhe* dizendo teve Getúlio Va/... aí Getúlio Vargas... (DID22.21, .656).
117. QUE É subSTRAtO? o que é superesTRAtO?... vocês SAIBam... do que *se* TRAta e sejam capazes... (EF214.7.224-5).
118. a senhora *me* falou nesse trabalho mas num... (DII33.2.76).
119. vou *te* dizer eu melhorei MUIto... (DID13.12.388).
120. então... eh:: gruPAL... num *nos* interessa no moMENTo... (EF14.2.53-4)

Quadro 1

idade * se Crosstabulation				
Count				
		se		Total
		próclise	ênclise	
idade	25 a 35	432	41	473
	36 a 55	956	71	1027
	56 a 70	323	40	363
Total		1711	152	1863

Quadro 2

idade * me Crosstabulation				
Count				
		me		Total
		próclise	ênclise	
idade	25 a 35	238	3	241
	36 a 55	303	13	316
	56 a 70	277	3	280
Total		818	19	837

Quadro 3

idade * o Crosstabulation				
Count				
		o		Total
		próclise	ênclise	
idade	25 a 35	17	3	20
	36 a 55	48	18	66
	56 a 70	28	7	35
Total		93	28	121

Quadro 4

idade * a Crosstabulation				
Count				
		a		Total
		próclise	ênclise	
idade	25 a 35	4	4	8
	36 a 55	7	9	16
	56 a 70	6	5	11
Total		17	18	35

ANEXO II

FREQUÊNCIA

Tabela 3

	Próclise %					
	se	me	o	a	lhe	te
Masculino	91,9	98,2	78,6	47,6	100	100
Feminino	91,7	97,3	75,4	50	95,7	100

Tabela 4

	Ênclise %					
	se	me	o	a	lhe	te
Masculino	8,1	1,8	21,4	52,4	0	0
Feminino	8,3	2,7	24,6	50	4,3	0

Sexo masculino

121. NÓS... *nos* utilizamos... do registro esCRItO da LÍNgua... (EF14.1.6).

122. em Portugal... nós vamo *nos* deter mesmo é no Realismo... no BRASIL... (EF n36, pg5, l213).

123. eu já *me* esqueci viu?... já *me* esqueci até do inGLÊS (DII48.22.687).

124. o educacional... quando /cê *se* educa DENtro da língua estrangeira... (DII.47.13.393-4).

125. eu /tava até *me* lem-brando aqui (DII11.7.325).
126. então existe um mapeamento muito preciso de Vênus... e esse mapeamento então *nos* dá a entenDER... que a escolha do nome ()... (EF53.11.355-7).
127. nós temos aqui essa esse B valendo como uma sílaba ... isso um parnasiano ... não faria ... *o* (EF3.15.740-1).
128. mas cogitou de tirá-*lo*... (DID10.5.143-4).
129. mas o que eu /tava *te* dizendo é que esse pessoal tomou ((ruído)) o poder em mil novecentos e trinta... (DID10.17.529-30).
130. e o movimento simbolista parece-*me* que é nesse de Cruz de Sousa ... ele refutou essa afirmação de de::... de Mário Linhares (EF3.8.356-7).

Sexo feminino

131. que eu trabalhava... DOIS rapazes... lembra-*me* QUE... BEM que um deles trazia pince-nez... (EF156.2.46-8).
132. e a M.E. era nossa professora nessa época e ela *nos* ensinou muito isso e tudo... (DII.47.1.23-4).
133. não quero inocentá-*lo* num quero... (DII39.30.964).
134. deram então de *me* chaMAR::... Severino de Maria... (EF56.11.332-3).
135. sei não eu sei que parece-*me* que tem fígado de::... (DID9.9.1287).
136. conviDaram-*me* para fundar uma sociedade liteRÁria... (EF156.2.48).
137. pela manhã a C. *se* mostra MUIto intereSSAda... (DII116.12.382).
138. é colocar o aluno dentro de uma profisSÃO... sabe? profissionalizá-*los* tamBÉM... (DID12.14.649-50).
139. ou adquirí-*los* como doação como tamBÉM... (EF156.8.257).
140. ah agora eu vou *te* perguntar (DII116.10.422).

Quadro 5

sexo * se Crosstabulation				
Count				
		se		Total
		próclise	ênclise	
sexo	masculino	1053	93	1146
	feminino	658	59	717
Total		1711	152	1863

Quadro 6

sexo * me Crosstabulation				
Count				
		me		Total
		próclise	ênclise	
sexo	masculino	391	7	398
	feminino	427	12	439
Total		818	19	837

Quadro 7

sexo * o Crosstabulation				
Count				
		o		Total
		próclise	ênclise	
sexo	masculino	44	12	56
	feminino	49	16	65
Total		93	28	121

Quadro 8

sexo * a Crosstabulation				
Count				
		a		Total
		próclise	ênclise	
sexo	masculino	10	11	21
	feminino	7	7	14
Total		17	18	35

Quadro 9

sexo * lhe Crosstabulation				
Count				
		lhe		Total
		próclise	ênclise	
sexo	masculino	60		60
	feminino	45	2	47
Total		105	2	107

Quadro10

sexo * te Crosstabulation			
Count			
		te	Total
		próclise	
sexo	masculino	61	61
	feminino	26	26
Total		87	87

ANEXO III

FREQUÊNCIA

Tabela 4

	Próclise %					
	se	me	o	a	lhe	te
DII	94	99,1	73,3	0	100	100
DID	92,6	97,8	71,2	56,5	100	100
EF	89,4	92,6	85,1	40	77,8	100

Tabela 5

	Ênclise %					
	se	me	o	a	lhe	te
DII	6	0,9	26,7	100	0	0
DID	7,4	2,2	28,8	43,5	0	0
EF	10,6	7,4	14,9	60	22,2	0

Tabela 6

Número total de pronomes = 3050		
	Próclise %	Ênclise %
DII	23,2	1
DID	48,2	3,5
EF	21,4	2,7

Tabela 7

	Próclise (2831) %
DII	25
DID	52
EF	23

Tabela 8

	Ênclise (219) %
DII	13,2
DID	49
EF	37,8

DII

141. /cê sabe de OUt^{ra}s notícia do país que:: *nos* interessa (DII45.24.777-8).
142. AGORA tem Literatura LÁ *me* cha/ *me* chamou Erinalda (DII116.8.242).
143. eu também acho que mudou para pior SAbe?... PRA *lhe* dar um exemplo... eu vou ao Liceu... (DII48.20.626-7).
144. ele tem aquele eleMENto que ele *se* sente seguro né? (DII45.11.327-8).
145. o Caqui é:: meu atleta desde quando eu *te* falei... (DII34.25.809-810).
146. E:: PARAl^elamente uma língua que deveria ser uma língua universal TANTO que () criOU-*se* houve uma experiência uma tentativa... (DII47.15.545-6).
147. mas a mesa está posta... vamos *nos*... *nos* sentar para o almoço... (DII39.15.480).

148. eles trazem alguma coisa sabe? sempre *se* faz alguma coisa MAS há momentos em que não tem nada entendeu?... (DII7.40.1536-7).
149. já *lhe* falei no começo da entrevista... (DII34.21.679-680).
150. e o professor *ma/ me* convidou *pa/* dar umas aula/ lá... (DII47.7.215).

DID

151. eh um dia *me* chatearam muito porque eu escrevi o nome do da minha primeira paixão sabe?... (DID12.23.1137-8).
152. e *nos* procura pra tentar corrigir mas é mais... por função do que... por estética... (DID50.1.25-6).
153. aquelas PROvas MENSAIS... tirava-*se* uma MÉdia né?... (DID22.32.1036).
154. quando eu digo assim que *lhe* disciplina disciplina quando /cê vem no trânsito /cê vê um sinal e parar né?... (DID27.38.1223-5).
155. isso é freqüente principalmente pessoas que vão... que *se* tatuaram numa fase JOvem né? (DID50.15.477-9).
156. ali chama-*se* uma betoneira aquela que tem um caminhão (DID49.6.189).
157. parece-*me* que /tava com a cabeça engancha::da... (DID23.12.554).
158. qualificar as pessoas ou classifiCÁ-*las* em...(DID46.4.119).
159. pois saiba ((ruído))... que ela vai *lhe* ajudar e eu vou ((ruído))... (DID23.12.593).
160. eu já *te* falei bastante o retardo menTAL as causas são similares aos da paralisia cerebral certo? (DID21.12.377-8).

EF

161. ou a crer... num a crer a REalmente justificá-la como obra baRROca... (EF35.10.317).
162. alguém *me* perguntou na aula passada... qual seria a relação da do comunismo e da democracia? não foi? --... (EF18.23.751-3).
163. no momento que que ele... que *se* que *se* teve um Filho... o filho vai aprender a a língua nativa dele vai ser o PIDgin né? (EF138.7.228-30).
164. é um trabalho que *me* parece imporTANTE porque pelo menos são critério cienTíficos pra... propor um QUAdro de classificação dos predicados... uma classificação seMÂntica... né?... (EF25.2.46-8).
165. em favor dessa desse tipo de síntese aqui... mas ((ruído))... *me* parece que as duas coisas não podem ser negadas... (EF25.12.377-8).
166. hoje *se* está descobrindo que quando as estrelas morrem por colapso... (EF53.4.118-9).
167. inaugurou-se PUBlicamente a Padaria... (EF156.3.74-5).
168. POde-se falar em transitividade verBAL... em predicados NOMINAIS e verbo-nominais?... (EF25.4.95-6).
169. porque nós vamos *nos* deter... mais demoradamente... na estrutura do parágrafo porque ele... é... o móvel... primeiro... (EF14.5.150-1).
170. ele poderia tanto comPRÁ-los... (EF156.8.256-7).

Quadro 11

registro * se Crosstabulation				
Count				
		se		Total
		próclise	ênclise	
registro	DII	315	20	335
	DID	883	71	954
	EF	513	61	574
Total		1711	152	1863

Quadro 12

registro * me Crosstabulation				
Count				
		me		Total
		próclise	ênclise	
registro	DII	328	3	331
	DID	403	9	412
	EF	87	7	94
Total		818	19	837

Quadro 13

registro * o Crosstabulation				
Count				
		o		Total
		próclise	ênclise	
registro	DII	11	4	15
	DID	42	17	59
	EF	40	7	47
Total		93	28	121

Quadro 14

registro * a Crosstabulation				
Count				
		a		Total
		próclise	ênclise	
registro	DII		2	2
	DID	13	10	23
	EF	4	6	10
Total		17	18	35

Quadro 15

registro * lhe Crosstabulation				
Count				
		lhe		Total
		próclise	ênclise	
registro	DII	32		32
	DID	66		66
	EF	7	2	9
Total		105	2	107

Quadro 16

registro * te Crosstabulation			
Count			
		te	Total
		próclise	
registro	DII	21	21
	DID	63	63
	EF	3	3
Total		87	87